



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

PARA TODA A VIDA OU POR UMA SÓ NOITE?

**ESTUDO DESCRITIVO SOBRE AS DIFERENÇAS DE
GÊNERO NAS ATITUDES SEXUAIS**

MARTA NUNES DA SILVA MINAÚLA TAGARRO
Nº10750

Orientador da Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ANA ALEXANDRA CARVALHEIRA

Tese submetida com requisito parcial para obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA APLICADA

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Ana Alexandra Carvalheira apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção do grau de Mestre na especialidade em Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES nº 19673/2006 publicado no Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho de investigação, nunca poderá ser feito na individualidade, mesmo que por vezes se pense que fomos nós os únicos actores na execução deste. Na realidade, torna-se impossível a sua realização sem a colaboração de outras pessoas. Terão de haver sempre fontes ou recursos que nos auxiliem e suportem o nosso trabalho, terão de haver sempre mestres que nos ensinem e amigos que nos apoiem. O trabalho de investigação que levei a cabo, não é excepção, a sua realização só foi possível devido ao apoio de várias pessoas. Aqui lhes deixo o meu especial agradecimento.

À Professora Doutora Ana Alexandra Carvalheira, orientadora do seminário de dissertação, pela constante disponibilidade para apoiar e esclarecer qualquer dúvida. Pela compreensão que mostrou sempre que eu não conseguia encontrar um pouco de tempo para terminar algumas etapas no prazo certo. Pela força que deu em momentos de desânimo e por todo o conhecimento que transmitiu. E acima de tudo, por toda a energia e disponibilidade durante esta etapa final quando quase toda a turma se encontrava a correr para a meta com o intuito de chegar antes de o comboio partir.

Aos meus pais que desde sempre compreenderam a minha opção de integrar o Mestrado de Bolonha tendo de para tal, aguardar 2 anos pelo final do que anteriormente seria uma Licenciatura e agora se tornará num Mestrado. A eles agradeço-lhes o apoio, não só em termos afectivos como também económicos, bem como a força para cada momento de pressão e de tentativa de conciliação entre um emprego, uma dissertação e uma especialidade em psicoterapias.

À minha irmã Susi por ter compreendido sempre que não tinha tempo para estar com ela em momentos de qualidade, pelas vezes em que me ouviu e compreendeu quando precisei dela, nem que fosse para uma palavra ou um gesto de apoio.

À minha avó por todos os almoços e jantares que me fez aos fins-de-semana, para eu não perder tempo a cozinhar. Pela compreensão quando só lhe dispensava pouco tempo de conversa, apesar de ela ter muito para contar. Pelo apoio de sempre.

À Cris que durante um lanche numa tarde de Outono, me ajudou a compreender que independentemente das várias actividades em que me encontrei inserida durante este ano, não poderia nunca deixar para segundo plano algo tão importante como pôr um ponto final numa longa história que escrevi durante cinco anos (mais dois). E que me deu força para conseguir atingir o objectivo a que me propus desde o início, disponibilizando-se para apoiar no que fosse necessário.

À Inês, Isaura, Cátia e outros amigos por todas as palavras de incentivo e coragem que me deram ao longo desta jornada atribulada. Por todas as vezes em que aceitaram e compreenderam um *não* como resposta a alguma proposta. Por todas as acções que tomaram para me ver mais feliz, menos stressada ou mais concentrada.

Às minhas colegas de seminário de dissertação Ana Torres e Ana Margarida pelo apoio e ajuda mútua. Pelas dúvidas esclarecidas, informações trocadas e força que demos umas às outras por estarmos todas no mesmo barco.

Ao grupo das quartas-feiras na SPAT que tanta força me deu ajudando-me a compreender alguma inércia que por vezes surgia e levando-me a acreditar mais e melhor nas minhas capacidades.

À Associação “Novos Rostos... Novos Desafios” pela compreensão que mostraram sempre que eu necessitei de me ausentar por umas horas ou mesmo por uns dias para trabalhar na dissertação.

A todas as pessoas que participaram no estudo, por terem partilhado um pouco de si e da sua intimidade em prol desta investigação.

RESUMO

As atitudes sexuais têm vindo a ser um tema de estudo abordado por diversos autores. Grande parte dos estudos apontam para uma diferença entre os géneros nas atitudes sexuais. As mulheres tendem a valorizar mais a parte afectiva e relacional, enquanto que os homens tendem a ser mais permissivos e a dar mais ênfase ao envolvimento físico. Este estudo pretendeu analisar quais as diferenças entre os géneros ao nível das atitudes sexuais, focando a sua relação com alguns comportamentos sexuais e outras variáveis sócio-demográficas. Trata-se de um estudo descritivo transversal e comparativo com uma amostra de 510 sujeitos, dos quais 201 são homens e 309 são mulheres. Procedeu-se à recolha de dados através de questionários anónimos de auto-resposta, incluindo um sócio-demográfico, um questionário sobre comportamentos sexuais e a Escala Breve de Atitudes Sexuais de Hendrick & Hendrick (2006). Os resultados confirmaram que existem diferenças nas atitudes sexuais entre os géneros. Factores como a idade, religião e meio habitacional parecem também exercer alguma influência nas atitudes e comportamentos sexuais. Assim, concluímos que as mulheres têm menos parceiros sexuais e dão maior ênfase ao afecto numa relação sexual, ao passo que os homens têm mais relações sexuais ocasionais e atitudes mais permissivas.

Palavras-chave: Atitudes sexuais; comportamentos sexuais; diferenças de género.

ABSTRACT

Sexual attitudes have been a subject studied by several authors. Most of the studies say that there are gender differences in sexual attitudes. Women tend to enhance more the sentimental and relational part, while men are more permissive and give more emphasis to physical involvement. This study analysed which are the differences between both genders in sexual attitudes, focusing their relationship with some sexual behaviours and other social and demographic variables. It is a descriptive, transversal and comparative study with a total sample of 510 people, 201 men and 309 women. We used anonymous self-response questionnaires, including a social-demographic, a questionnaire of sexual behaviour and the Brief Sexual Attitudes Scale (Hendrick & Hendrick, 2006). The results confirmed that there are gender differences in sexual attitudes. We also found some influences of age, religion and living place in sexual attitudes and sexual behaviours. Thus, we conclude that women have less sexual partners and give more importance to affective issues in a sexual relationship, while men have more casual sex and more permissive attitudes.

Key-Words: Sexual attitudes; Sexual Behaviours; Gender differences.

ÍNDICE

Introdução	1
1. Enquadramento Teórico	3
1.1 Mudanças nas Atitudes Sexuais ao Longo dos Tempos	3
1.2 Atitudes Sexuais e Género	6
1.3 Teorias Explicativas	9
1.3.1 Teorias evolutivas	9
1.3.2 Sociobiologia	1
1.3.3 Sócio Construtivismo	0
1.3.4 O Conceito de Plasticidade Erótica	1
1.3.5 A Teoria dos Scripts	1
1.3.6 Aprendizagem Social	1
1.3.7 Duplo Padrão Sexual	1
1.3.8 Outros Factores que influenciam as atitudes sexuais	1
	3
	1
	4
	1
	4
	1
	7
2. Formulação do Problema	1
	9
3. Metodologia	2
	0
3.1 Tipo de Estudo	2
	0
3.2 Amostra	2
	0
3.3 Material	2
	3
3.4 Procedimento	2
	4

VIII

4. Resultados	2
	5
4.1 Comportamentos Sexuais	2
	5
4.1.1 Idade da Primeira Relação Sexual	2
	5
4.1.2 Número de parceiros	2
	6
4.1.3 Relações sexuais fora da relação de compromisso	2
	7
4.1.3.1 Relação entre a ocorrência de relações sexuais fora da relação de compromisso e o tempo de duração da relação.	2
	8
4.1.4 Métodos Contraceptivos	2
	8
4.1.4.1 Relação entre a utilização do preservativo e os sujeitos que não têm uma relação de compromisso, mas têm parceiros sexuais.	2
	9
4.1.5 Vivência do orgasmo	2
4.1.6 Prática da Masturbação	9
	3
	0
4.2 Atitudes Sexuais	3
	1
4.3 Relação entre a idade, atitudes sexuais e alguns comportamentos sexuais	3
	2
4.4 Relação Entre a Religião, Atitudes Sexuais e Alguns Comportamentos Sexuais	3
	3
4.5 Relação Entre o Meio Habitacional e Atitudes Sexuais	3
	4
5. Discussão	3
	5
7. Referências Bibliográficas	4
	2
Anexos	4
	8

LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

Gráficos

Gráfico 1 – Idade dos sujeitos

Gráfico 2 - Idade da primeira relação sexual

Gráfico 3 – Relações sexuais fora da relação de compromisso nos Homens

Gráfico 4 - Relações sexuais fora da relação de compromisso nas Mulheres

Gráfico 5 – Frequência do orgasmo no último mês.

Gráfico 6 – Frequência da masturbação no último mês.

Gráfico 7 – Comparação das médias entre os sexos para cada subescala.

Quadros

Quadro 1a – Características sócio-demográficas da amostra

Quadro 1b – Características sócio-demográficas da amostra

Quadro 2 – Número de parceiros sexuais em função do gênero

Quadro 3 – Frequência de utilização de métodos contraceptivos

Quadro 4 - Tipos de métodos contraceptivos utilizados

Quadro 5 – Vivência do orgasmo ao longo da vida.

Quadro 6 – Coeficientes de correlação para a comparação de medias entre os sexos

Quadro 7 – Coeficientes de correlação para a comparação da idade com as atitudes sexuais e alguns comportamentos sexuais

Quadro 8 - Coeficientes de correlação para a comparação da religião com as atitudes sexuais e alguns comportamentos sexuais

Quadro 9 – Coeficientes de correlação para a comparação entre o meio habitacional e as atitudes sexuais

INTRODUÇÃO

Em consequência de inúmeros factores que interagem entre si e modificam os padrões atitudinais dos sujeitos na sociedade e dadas as mudanças cada vez mais visíveis a nível social, económico e político na sociedade ocidental, tem-se vindo a verificar uma alteração também ao nível da sexualidade. As atitudes e os comportamentos sexuais de hoje não são semelhantes aos da década de 60, época em que a comunidade científica começou a focar mais a sua atenção no estudo da sexualidade humana. No entanto, apesar da sexualidade se ter modificado, existem vários factores que permanecem inexoráveis como as diferenças de género ao nível das atitudes e comportamentos sexuais. Conhecer que diferenças persistem entre os géneros ao nível das atitudes sexuais é o objectivo deste estudo. Iniciamos com a seguinte questão de investigação: Até que ponto serão significativamente diferentes, as atitudes sexuais em ambos os géneros?

Para tal colocamos algumas hipóteses: Espera-se que existam diferenças de género nas atitudes sexuais. Pensa-se então, que os homens sejam mais permissivos e mais instrumentais do que as mulheres e que por seu lado as mulheres tenham mais sentimentos de união e ligação afectiva no envolvimento sexual, do que os homens.

Pensamos ainda que relativamente aos comportamentos sexuais, os homens tenham um maior número de parceiros do que as mulheres e que a quantidade de parceiros esteja significativamente relacionada com os índices de permissividade.

No enquadramento teórico fazemos a revisão dos principais estudos efectuados ao nível das atitudes sexuais, abordando as diferenças de género e a que níveis se verificam. Normalmente verificam-se ao nível da permissividade e restrição dos comportamentos por parte de homens e mulheres, bem como no número de parceiros sexuais e no que é socialmente aceite ou julgado em cada género. Mencionamos a evolução que se verificou ao longo das últimas décadas, no sentido de uma maior aproximação entre os sexos relativamente aos comportamentos e atitudes e revemos as principais teorias explicativas que os suportam.

No capítulo seguinte, apresentamos a metodologia. Trata-se de um estudo descritivo transversal e comparativo (Ribeiro, 1999). A amostra é composta por 510 sujeitos e foi recolhida através da internet. Para a recolha de dados recorreremos a um questionário sócio-demográfico, um questionário de comportamentos sexuais e à Escala de Atitudes Sexuais de Hendrick & Hendrick (2006).

Seguidamente apresentamos os resultados do estudo onde analisamos as diferentes variáveis e a sua relação entre elas incidindo maioritariamente nas diferenças entre os géneros.

Por fim, na discussão apresentamos a relação dos resultados obtidos com dados de outros estudos que os sustentem. Notam-se diferenças nas atitudes sexuais entre os géneros e a presença de um duplo padrão sexual que pode ser justificado por várias teorias explicativas (evolutivas, sociais, sociobiológicas etc.) parece haver também algumas influências sociais na modulação destas atitudes, verificadas pela relação entre as variáveis idade, religião e meio habitacional com as atitudes sexuais e alguns comportamentos sexuais. Tentamos ainda encontrar possíveis explicações para a hipótese refutada; apontamos limitações ao nosso estudo e fazemos sugestões para futuras investigações.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Mudanças nas Atitudes Sexuais ao Longo dos Tempos

Os dados empíricos das últimas décadas mostraram que desde finais dos anos 60 até aos dias de hoje, ocorreu uma grande modificação na sexualidade pré-marital, sendo que as mudanças mais significativas se verificam principalmente nas mulheres (McCabe, 2007; Oliver & Hyde, 1993; Wells & Twenge, 2005). A maior alteração ocorreu essencialmente entre 1969 e 1973, onde o padrão adoptado por ambos os sexos passou a ser o da actividade sexual dentro de uma relação de compromisso que era encarada como uma expressão de amor e intimidade (Reiss, 1967; McCabe, 2007).

Estas alterações tornaram-se mais moderadas entre 1973 e 1982 altura em que se verificou uma descida significativa na idade da primeira relação sexual e no número de parceiros, modificando-se mais lentamente após este período, continuando porém, a notar-se diferenças consideráveis entre homens e mulheres (Earl & Perricone, 1986; Harding & Jencks, 2003).

As atitudes sexuais também se foram alterando ao longo dos tempos. Oliver & Hyde (1993), reviram vários estudos sobre sexualidade e verificaram que 11 das 21 medidas que constavam nos estudos analisados, encontravam-se significativamente correlacionadas com o ano de recolha dos dados, sendo que em 1960 as atitudes sexuais eram mais conservadoras do que em 1980. Estas alterações nas atitudes perante a experiência sexual vieram criar alguma pressão em ambos os sexos para se tornarem sexualmente activos e experientes. O sexo era agora encarado como uma parte natural do desenvolvimento de uma relação e não como uma experiência que ocorria mais tarde, no casamento (McCabe, 2007).

O estudo sociológico de Reiss (1967) trouxe importantes contributos para a compreensão que temos hoje sobre as atitudes sexuais. O propósito do seu estudo era examinar em que aspectos o contexto sociocultural se pode relacionar com a permissividade pré-marital. Percebeu então que um elevado grau de liberalismo ao nível da política, religião e economia gera uma maior receptividade para atitudes sociais mais permissivas. Os valores de cada indivíduo provêm dos pais e amigos e dos grupos a que pertence. O grau de permissividade sexual deriva de dois

importantes factores: a influência familiar e a influência dos pares durante os períodos de namoro. Nos resultados do seu estudo (em 1963), apenas 20% dos homens e 10% das mulheres pareciam concordar com o coito antes do casamento. Apenas dois anos depois foi efectuado outro estudo onde estas percentagens subiram para 37% e 21% respectivamente. Já em 1970 Klassen *et al.* (1989), (cit. in Reiss, 2001) constataram que 60% dos homens e 45% das mulheres mostravam uma maior aceitação perante o sexo pré-marital. Os questionários nestes três estudos eram semelhantes e dada a grande diferença entre os resultados, percebe-se que houve uma grande evolução ao nível da permissividade sexual. Reiss (1967) desenvolveu a *teoria da autonomia* que pretendia entender as causas da revolução sexual que estava a ocorrer. Assim este autor, considerou que a crescente autonomia feminina seria uma das principais causas desta mudança. Na década de 60 uma grande percentagem de mulheres tinha um emprego, o que se traduzia numa maior independência financeira para elas e para os seus filhos, e lhes permitiu alterar atitudes pelo facto de já não dependerem exclusivamente dos seus maridos, assim, passaram a ser mais permissivas deixando de lado alguns padrões de moralidade que anteriormente guiavam a sua sexualidade.

Reiss (2001), delineou ainda, a natureza de uma nova ética sexual (*HER*), que está a aumentar nos países do mundo ocidental. *HER* significa *Honesty, Equality and Responsibility* (honestidade, igualdade e responsabilidade). Estes valores estão cada vez mais presentes nos comportamentos sexuais, enquanto as antigas normas que julgavam quem se envolvia em comportamentos sexuais mais permissivos, estão mais diluídas. Esta nova ética aceita cada vez mais a sexualidade pré-marital e homossexual e está relacionada com uma crescente igualdade entre os géneros avançando no sentido de se tornar a ética sexual dominante do século XXI (Reiss, 2001).

Earle *et al.* (2007), efectuaram um estudo onde pretendiam verificar as alterações em relação às atitudes sexuais pré-maritais. Para tal, aplicaram questionários anónimos a 1545 estudantes de ciências sociais em 1981, 1991 e 2000 e denotaram diferenças significativas em ambos os sexos na idade da primeira relação sexual, número de parceiros sexuais e características demográficas e pessoais. Em relação à idade da primeira relação sexual, o grupo de 1991 experienciou-a numa idade menor do que os grupos de 1981 e 2000, bem como teve mais parceiros sexuais ao longo da vida, também se notou igual diferença nas atitudes face ao sexo dentro de uma relação de compromisso, as mulheres aceitavam melhor a prática sexual dentro de uma relação de compromisso em 1991 do que em 1981 e 2000 (Earle *et al.*, 2007). Em relação aos homens, não foram encontradas diferenças significativas nas atitudes

sexuais entre os grupos, no geral os homens mostraram mais tendência para aceitar ter relações sexuais sem estarem envolvidos numa relação de compromisso, do que as mulheres (Earle *et al*, 2007). Este decréscimo verificado no início do século XXI, ocorreu possivelmente devido a uma maior preocupação com as doenças sexualmente transmissíveis (McCabe, 2007), mas também a uma mudança de visão em relação à sexualidade onde o sexo deixou tanto de ser encarado como um modo rápido de preenchimento afectivo, sendo menos utilizado como um meio para preencher falhas emocionais da vida dos sujeitos (White & DeBlassie, 1992 cit in. McCabe, 2007).

Wells & Twenge (2005) realizaram uma meta-análise de 530 estudos que comprovou que as atitudes e comportamentos sexuais obtiveram alterações consideráveis entre 1943 e 1999, com as maiores e mais importantes mudanças entre mulheres jovens. Ambos os sexos se tornaram mais activos sexualmente e as atitudes perante o sexo antes do casamento passaram a ser mais permissivas com uma considerável subida de 12% para 73% nas mulheres e de 40% para 79% nos homens. Também a idade da primeira relação sexual desceu, em 1970 a média é de 19 anos nas mulheres e 18 anos nos homens, e em 1990 a idade média da primeira relação sexual era de 15 anos para ambos os sexos. Relativamente ao número de parceiros não houve alterações ao longo dos tempos.

Verifica-se assim, o declínio do duplo padrão sexual pré-marital, conceito que distingue, os padrões normativos relativamente à sexualidade de ambos os géneros: o homem atribuí um cariz sexual às suas relações afectivas, enquanto à mulher é inculcado um sentimento de culpa se esta se envolver em práticas sexuais que transgridam as normas culturais (Gentry, 1998). Porém o suporte empírico mostra que este continua a existir nas sociedades ocidentais de um modo condicional: a sexualidade pré-marital pode ser vivida por ambos os géneros, mas, os homens envolvem-se mais em práticas sexuais ocasionais do que as mulheres (Gentry, 1998; Oliver & Hyde, 1993; Alferes, 1997; Haavio-Mannila & Kontula, 2003).

Scott e Smith (1998), (cit. in Harding & Jencks, 2003), consideram três possíveis razões para estas importantes alterações ao longo do tempo: alteração nas gerações que nasceram no início do século XX que tinham atitudes mais conservadoras, por gerações mais liberais que nasceram no final do século XX; factores relacionados com a idade de cada geração e mudanças culturais que alteraram a visão de cada geração relativamente a este tema.

1.2 Atitudes Sexuais e Género

O conceito de género surge nos Estados Unidos da América nos anos 70 para abordar o carácter social e culturalmente construído das diferenças entre homens e mulheres que não são necessariamente explicadas em relação ao sexo biológico (Amâncio, 2001). Género pode então ser definido como o significado social atribuído ao sexo determinado biologicamente, que envolve um conjunto de características e comportamentos esperados na sociedade para os indivíduos do sexo masculino e feminino (Burr, 1998).

Por sua vez, o conceito de atitudes sexuais, não é algo estanque, mas sim algo dinâmico que muda com o tempo e com as culturas, e que parece ter algumas influências da biologia (Hendrick & Hendrick, 2006). Hendrick & Hendrick, (2006), aperceberam-se da multidimensionalidade das atitudes sexuais e identificaram quatro diferentes dimensões com base nos estudos que efectuaram: *Permissividade* que reporta para o sexo ocasional; *Planeamento* que está relacionado com a responsabilidade sexual no sentido do planeamento familiar e da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis; *Comunhão* que nos remete para uma sexualidade idealista, onde o sexo é encarado como uma interacção quase fusional entre os parceiros, que reporta a um sentimento de intimidade; *instrumentalidade* é a dimensão que abrange questões biológicas e utilitárias e que remete para o prazer físico.

O interesse científico nas diferenças de género existe desde Kinsey (1948), (cit. in Hendrick & Hendrick, 1985) que efectuou um estudo onde percebeu que factores como a educação e o género influenciavam as atitudes sexuais. Nos dias de hoje, sabemos que vários factores tanto a nível do desenvolvimento, dos antecedentes familiares como da religião, influenciam as atitudes sexuais (Papaharitou *et al.*, 2005; Taris *et al.* 1998; Werner-Wilson, 1998). O facto de se tratar de um tema multidimensional faz com que sejam impossíveis explicações simples ou concretas. No entanto diversas áreas da investigação tentaram perceber este fenómeno, chegando a interessantes conclusões (Hendrick & Hendrick, 1985; Gall *et al.*, 2002).

Geer & Robertson (2005), examinaram as diferenças de género nas atitudes sexuais implícitas e explícitas. Considerando atitudes implícitas como julgamentos de objectos sociais que são activadas automaticamente, normalmente sem que o indivíduo tome consciência disso e atitudes explícitas como julgamentos que se encontram bem estabelecidos na consciência. Chegaram à conclusão que tanto as

atitudes implícitas como explícitas são mais negativas nas mulheres que nos homens, ou seja, tanto a nível consciente, como a nível mais espontâneo, as mulheres têm atitudes mais negativas em relação ao sexo do que os homens.

Kiefer & Sanchez (2007), verificaram que os papéis tradicionais não estão ainda totalmente postos de lado pela sociedade e estão ligados a uma maior passividade sexual nas mulheres e uma menor passividade nos homens. Quanto mais as mulheres aderirem aos papéis sexuais tradicionais, mais passivo será o seu comportamento enquanto que o contrário se verifica nos homens. A razão pela qual as mulheres têm mais tendência a agir de uma forma passiva, está relacionada com os guiões (representações) que apresentam (Marín *et al.*, 1993). Este tipo de comportamento prevê uma menor satisfação sexual, menos desejo e menos actividade sexual (Marín *et al.*, 1993).

Hendrick & Hendrick (1985/ 2006), mostraram que as mulheres são mais responsáveis, conservadoras e idealistas enquanto que os homens são mais permissivos, instrumentais e controladores. As mulheres têm um maior nível de comunhão (sentimento de que o sexo é uma forma de ligação amorosa e romântica), dão mais atenção ao compromisso romântico, desejam mais envolvimento emocional (Bimbaum & Laser-Brandt, 2002; McCabe, 2005), preocupam-se mais com o planeamento familiar (Hendrick & Hendrick, 2006) e usam mais o auto-controlo no que toca ao desejo sexual (Ostovish, 2005).

Os homens por sua vez, apresentam um maior nível de instrumentalidade (sentimento de que o sexo é maioritariamente a obtenção de prazer físico), (Hendrick & Hendrick 1985/ 2006) e têm uma maior aceitação do sexo antes do casamento principalmente quando se trata de sexo ocasional (Oliver & Hyde, 1993). Apresentam também, atitudes mais permissivas do que as mulheres em relação à sexualidade, aceitam determinados comportamentos sexuais que a maioria das mulheres não aceita (Eisenman & Dantzker, 2006), envolvem-se mais em relações fora do casamento e apresentam menos ansiedade, por isso, têm atitudes mais favoráveis em relação ao sexo, uma maior prática da masturbação, e apresentam menos medo e culpa no que concerne ao envolvimento sexual ocasional (Cuffee, Hallfors & Waller, 2007; Wells & Twenge, 2005). Também o desejo sexual é mais intenso nos homens e mais frequente do que nas mulheres, estes têm mais pensamentos sobre sexo, mais fantasias sexuais (Baumeister, Catanese & Vohs, 2001) e mais parceiros sexuais quando solteiros (Marín *et al.*, 1993).

Através do estudo de Alferes (1997), constatamos que os dados portugueses em muito se assemelham aos dados internacionais. O duplo padrão sexual pré-marital persiste. A taxa de virgindade masculina é menos elevada, os homens têm mais parceiros sexuais e mais relações casuais. Pensam mais sobre sexo, masturbam-se mais, são mais permissivos, admitindo mais facilmente o sexo ocasional, as mulheres mostram maior conhecimento em relação aos contraceptivos.

As diferenças de género também se verificam relativamente ao conceito de sociosexualidade. A sociosexualidade é referente ao desejo por parte de alguém em ter uma variedade de parceiros fora da relação romântica (Yost & Zurbruggen, 2006). Uma pessoa que tem uma sociosexualidade sem restrições, não necessita de uma relação romântica para ter relações sexuais (Simpson & Gangestad, 1999, cit. in Yost & Zurbruggen, 2006). Por outro lado, alguém que detenha uma sociosexualidade restrita, prefere ter uma ligação afectiva antes de ter relações sexuais (Simpson & Gangestad, 1999, cit. in Yost & Zurbruggen, 2006). Yost & Zurbruggen (2006), encontraram várias diferenças de género nas atitudes face à sociosexualidade: os homens que tinham vários parceiros e praticavam sexo ocasional tinham também hipóteses de ter algumas atitudes problemáticas em relação ao sexo e às mulheres (mais crenças falsas sobre violação e uma maior crença de que ambos os sexos são hostis um para com o outro), as mulheres no entanto, já não apresentavam este padrão.

Fischtein *et al.* (2007), examinaram até que ponto seria somente o género a causa das diferenças na sexualidade humana, ou se haveriam também influências de outros factores, tais como a idade, o estado civil, a religião e a localização geográfica. A conclusão a que chegaram foi que os homens eram mais permissivos e mais activos do que as mulheres em todas as variáveis analisadas: pensamentos sobre sexo; sexo oral; idade da primeira relação sexual; número de parceiros; e relações sexuais ocasionais. As outras variáveis demográficas ajudavam a justificar a incidência de alguns dados, mas o género continuava a ser o factor mais significativo. Os dados destes autores mostram que a influência do género na sexualidade é bastante grande, mas não se podem descurar outras variáveis demográficas.

1.3 Teorias Explicativas

Olhando para todas estas diferenças entre os géneros, verificadas por diversos estudos, interrogamo-nos sobre que factores poderão gerar tais diferenças.

A sexualidade humana, tem sido reconhecida como algo bastante rico e complexo, no qual características biológicas, socioculturais, experiências individuais e outros factores menos conhecidos têm papéis muito importantes. Entre as questões mais básicas e pouco esclarecidas encontram-se os contributos da biologia e da cultura: Será que a sexualidade depende principalmente de factores socioculturais como o contexto, os níveis de relacionamento, a comunicação, as normas e as regras ou será maioritariamente determinada pelas hormonas, genes e outros processos biológicos (Baumeister , 2000)?

Baumeister (2000), diz-nos que o balanço entre a natureza e a cultura é diferente para os dois géneros no que concerne à sexualidade. A sexualidade masculina gira maioritariamente à volta de factores físicos, nos quais a natureza é predominante e a dimensão social e cultural é secundária. Para as mulheres os factores sociais e culturais assumem um papel importante e o papel do processo fisiológico e biológico é relativamente insignificante (Baumeister, 2000). “Na sexualidade as mulheres são elementos que evocam os significados e contextos socioculturais, enquanto que os homens são elementos da natureza” (Baumeister, 2000 p. 368).

1.3.1 Teorias evolutivas

Existem diferentes teorias explicativas para as diferenças de género ao nível da sexualidade, Oliver & Hyde (1993) abordam algumas delas. A teoria neoanalítica de Chodorow (1978), (cit. in Oliver & Hyde, 1993), entende as causas das diferenças psicológicas entre géneros como provenientes de experiências precoces na família. Assim, tanto os meninos como as meninas têm desde cedo, uma vinculação significativa com a sua mãe. O sentido de self nas meninas é profundamente determinado por esta relação e é a partir dela que se guiam em termos relacionais ao longo das suas vidas. Por outro lado, os rapazes começam por ter a mesma forma de vinculação, mas no entanto de acordo com este autor, mais tarde negam-na. A sua identidade é então definida não em termos relacionais, mas sim em termos de individuação e independência em relação ao feminino.

Oliver & Hyde (1993), dizem-nos que de acordo com esta teoria, as mulheres teriam maior propensão a valorizar a qualidade das relações e a intimidade emocional, enquanto que os homens dariam mais importância à sexualidade centrada no corpo.

Do ponto de vista evolutivo, os homens e as mulheres têm diferentes necessidades relativamente à sobrevivência e à garantia da continuidade da espécie. Para os homens a estratégia é engravidar o maior número de mulheres possível de modo a assegurarem a sobrevivência dos seus genes o que os leva a uma atitude permissiva perante o sexo. Por outro lado, as mulheres engravidam e a sua passagem dos genes para as futuras gerações é assegurada através do encontro de um homem que assegure a sobrevivência dos seus filhos. Assim, as mulheres tendem a ser menos permissivas a nível sexual do que os homens e mais selectivas quanto aos parceiros. Todo este processo ocorre a um nível inconsciente, pelo que os sujeitos não conseguem perceber conscientemente este tipo de movimentos (Eisenman, 2006).

1.3.2 Sociobiologia

Segundo a teoria da sociobiologia de Symons (1987) (cit. in Oliver & Hyde, 1993), em última instância a sexualidade humana tem como objectivo a reprodução. Assim, o comportamento sexual seria baseado nesta necessidade biológica.

Para Oliver & Hyde (1993), as conjecturas da sociobiologia no que toca às diferenças de género são claras: os homens seriam mais condescendentes em relação ao sexo ocasional e teriam um maior número de parceiras sexuais (Pedersen *et al.*, 2002), enquanto que as mulheres seriam menos condescendentes em relação ao sexo ocasional e teriam um menor número de parceiros sexuais.

Os sociobiologistas postularam a existência de um duplo padrão sexual que é definido pelas atitudes permissivas por parte da sociedade para com os homens e atitudes mais conservadoras para com as mulheres. Numa perspectiva evolutiva, isto seria devido ao facto de o homem ter esperma em grande quantidade, enquanto que a mulher não só tem poucos óvulos, como também terá de dispensar nove meses da sua energia corporal no processo de gestação. Por estas razões a mulher será muito mais selectiva do que o homem no processo de escolha do parceiro sexual (Oliver & Hyde, 1993).

Quando se trata de uma relação de longa data, as atitudes de ambos os sexos tornam-se semelhantes, no entanto os homens apesar de mais permissivos no que diz respeito a relações extra maritais, não aceitam com a mesma permissividade o facto de as mulheres se envolverem no mesmo tipo de relações (Oliver & Hyde, 1993).

Buss & Schmitt (1993), (cit. in Oliver & Hyde, 1993 e Pedersen *et al.*, 2002) falam-nos de uma teoria psicológica evolutiva baseada não só na evolução como também no contexto cultural. O homem e a mulher têm diferentes estratégias sexuais e estas estratégias diferem também consoante se tratem de relações de curta ou de longa duração. As relações de curta duração são um padrão mais utilizado pelos homens do que pelas mulheres (i.e. os homens estão mais interessados em sexo ocasional do que as mulheres), e as mulheres necessitam de mais sinais plausíveis de que um homem está comprometido com elas para que aconteça o envolvimento sexual. Estas diferenças de género no que toca a relações de curta ou longa duração, encontram-se cada vez mais atenuadas. No seu estudo, Pedersen *et al.* (2002), encontraram poucas diferenças entre os sexos relativamente ao número de parceiros que desejavam ter nos próximos 30 anos, a maioria em ambos os géneros queria encontrar um parceiro fixo nos 5 anos que se seguiam ao estudo.

1.3.3 Sócio Construtivismo

As teorias do Sócio construtivismo abordaram a sexualidade humana como formada essencialmente a partir da cultura e socialização e mediada pela linguagem. Quem age sexualmente de determinada forma para com determinada pessoa, fá-lo com base num conjunto de regras culturais e individuais e decisões mediadas linguisticamente e não numa necessidade biológica (Baumeister, 2000). Estas regras são institucionalizadas e a partilha e ensino delas entre as pessoas levam à habituação e normalização, o que torna alguns comportamentos previsíveis socialmente. Aqui entram regras institucionalizadas, tipos de actores em determinados contextos e normas de conduta (DeLamater & Hyde, 1998). Os Sócio Construtivistas não negam a possibilidade de haver algum fundamento biológico na sexualidade, mas enfatizam a influência cultural e social como os factores decisivos na sexualidade humana (DeLamater & Hyde, 1998).

1.3.4 O Conceito de Plasticidade Erótica

Introduzido por Baumeister (2000), este conceito refere-se ao ponto através do qual o desejo sexual pode ser influenciado por factores sociais, culturais e situacionais. Uma baixa plasticidade sugere um desejo sexual inflexível e

independente das circunstâncias. Uma grande plasticidade significa que o sujeito tem capacidade de mudança e adaptação (Baumeister, 2004).

Baumeister (2000), sugere que a sexualidade feminina é mais influenciável por factores culturais e sociais. Enquanto que a sexualidade masculina faz frequentemente concessões a factores externos, mas o desejo sexual mantém-se relativamente constante, a sexualidade feminina é mais mutável e maleável, o que se deve à cultura, à aprendizagem e às circunstâncias sociais (Baumeister & Stillman, 2006). O autor tenta compreender quais os factores que estão na base de tal maleabilidade por parte das mulheres e aponta primeiramente as mudanças pessoais como um factor preponderante, estas têm mais tendência do que os homens, em modificar ao longo da idade adulta os seus padrões de referência sexual em áreas como a adaptação ao casamento, a adopção de novas actividades e a mudança de preferências sexuais (Baumeister, 2000). Seguidamente o autor refere que outro factor que pode influenciar tal plasticidade seriam os factores socioculturais tais como a educação, a religião a política e a ideologia que geralmente têm mais influência nas mulheres do que nos homens. Por fim, o autor refere que as mulheres detêm uma maior inconsistência entre atitudes sexuais e comportamentos sexuais em diversas variáveis, tais como atitudes sobre virgindade, aprovação de relações sexuais fora da relação de compromisso e ter relações sexuais sem o desejar. Esta inconsistência entre atitudes e comportamentos deve-se ao facto de para as mulheres a relação sexual depender de uma multiplicidade de factores, circunstâncias e contextos (Baumeister, 2000).

Vimos quais as possíveis explicações para tal plasticidade no erotismo feminino, mas o autor foi mais além e tentou também perceber as razões que levam à diferença entre os sexos ao nível da plasticidade erótica. Aponta então, 3 possíveis explicações para este facto (Baumeister, 2004): A primeira está relacionada com a força física e o poder psicológico, visto que as mulheres ao longo dos tempos sentiram necessidade de encontrar parceiros com mais poder do que elas, poderá ter sido adaptativo à sexualidade da mulher o facto de se acomodar ao homem. A segunda explicação é baseada na ideia de que o desejo feminino é mais leve do que o masculino, logo uma menor motivação levará a uma maior plasticidade, enquanto que uma forte motivação terá mais hipótese de estabelecer influência no outro. A terceira explicação prende-se com o papel sexual da mulher que muitas vezes recusa determinado parceiro e mais tarde aceita-o (Baumeister, 2004).

O autor, defende a segunda explicação como sendo a mais viável (Baumeister, 2004). O principal factor da plasticidade erótica prender-se-ia com a motivação. Quanto mais leve fosse a motivação maior seria a plasticidade. O autor pretendeu então comprovar este factor, tentando compreender se numa variável onde sucedesse

o oposto (a mulher sentir-se mais motivada do que o homem), o homem apresentaria maior plasticidade. Escolheu a parentalidade para comprovar este facto. Atendendo a que as mulheres maioritariamente apresentam uma maior motivação para cuidar dos filhos do que os homens, constatou que o papel do pai apresenta uma maior plasticidade do que o da mãe. Isto sugere que a plasticidade erótica poderá estar inteiramente relacionada com factores motivacionais (Baumeister, 2004).

1.3.5 A Teoria dos Scripts

O conceito de script, parece ter um papel importante nas atitudes sexuais, um script ou guião constitui uma representação da sequência de acontecimentos habituais ou esperados em determinado contexto, representa basicamente um estereotipo cultural e é utilizado para orientar as percepções, interpretações, expectativas e inferências ou seja não só para compreender os acontecimentos pelos quais passamos como também para guiar as nossas próprias acções (Alvarez, 2005). Os scripts são uma metáfora para conceptualizar o comportamento social. Para um determinado comportamento acontecer têm de ocorrer scripts em três níveis distintos que interagem entre si: contexto cultural, scripts interpessoais e scripts intrapsíquicos (Simon & Gagnon, 1984).

Os scripts são portanto orientadores de comportamento, esquemas relacionados com a acção dado constituírem estruturas de conhecimento resultantes de experiências frequentes ou da compreensão ampla de determinadas situações. Schank e Abelson (1977), (cit. in Alvarez, 2005) acentuaram a importância da experiência do indivíduo com a situação para a construção do script. Embora a experiência directa não seja condição necessária para a construção do script, este diz respeito habitualmente a actividades realizadas frequentemente. Para que um comportamento do script tenha lugar e oriente a resposta do indivíduo ao meio, este tem de constituir uma representação cognitiva estável, estar presente um contexto que o evoca e ser accionado (Abelson, 1981, cit. in Alvarez, 2005). Assim, o script molda o comportamento adoptado de acordo com a informação que contém (Wilson & Capitan, 1982, cit. in Alvarez, 2005).

Simon & Gagnon (1984), desenvolveram ao longo de 4 décadas a teoria dos scripts sexuais passando por algumas das teorias referidas anteriormente – evolutivas; biológicas; sociais - como base de explicação destes.

Independentemente das bases que os criam, os autores sublinham que são de extrema importância dois factores: a inserção da sexualidade na vida social (que se

relaciona com o contexto interpessoal e cultural) e a gratificação e utilidade da sexualidade no indivíduo (que se relaciona com o contexto intrapsíquico), (Simon & Gagnon, 2003). Os scripts sexuais surgem como guias que orientam as acções e fornecem determinadas directrizes – *O Quê, Quem, Quando, Onde e Porquê* – ajudando o indivíduo a organizar a sua vida sexual adequando-o às normas sociais de determinada cultura. Assim, pretendem orientar os comportamentos de acordo com determinados parâmetros culturais e detectar interesses comuns que possibilitem a dois indivíduos a participação no mesmo acto sexual, garantindo a concretização dos desejos sexuais (Simon & Gagnon, 2003).

Relativamente às diferenças de género, as mulheres têm mais tendência a formular scripts direccionados para relações de compromisso e os homens têm mais tendência para formar scripts relacionados com sexo ocasional (Lenton & Bryan, 2005).

1.3.6 Aprendizagem Social

Já a teoria da aprendizagem social diz-nos que as diferenças de género são formadas por reforços positivos, a comportamentos consistentes com papéis de género adequados, e reforços negativos ou o facto de se ignorarem comportamentos que determinado indivíduo toma e que não são próprios ao seu género (Oliver & Hyde, 1993). As crianças têm também tendência para imitar os adultos do mesmo género nos seus comportamentos e atitudes, assim, os papéis de género vão passando de geração em geração. Também os meios de comunicação social são importantes vias de comunicação e transmissão destes factores (Oliver & Hyde, 1993). O estudo de Somers & Surman (2005) revelou que a aprendizagem desde cedo de temas sobre a sexualidade como a importância da utilização de métodos contraceptivos e as consequências da gravidez na adolescência, relacionavam-se directamente com uma menor frequência de relações sexuais. A teoria da aprendizagem social aborda também o duplo padrão sexual (Sprecher, McKinney & Orbach, 1989, cit. in Oliver & Hyde, 1993).

1.3.7 Duplo padrão sexual

O conceito de duplo padrão sexual é referente a um conjunto de normas sociais que determinam a prática de comportamentos sexuais diferenciados para cada um dos

gêneros (Reiss, 1964), sendo que ao homem seria concedida uma maior permissividade sexual, maior liberdade e lhes seriam aceites comportamentos, tais como sexo antes ou fora do casamento (Gentry, 1998). Por outro lado as mulheres seriam reprimidas se tivessem vários parceiros ou quando se envolvessem em sexo ocasional. Assim, seria previsto que as mulheres tivessem menos parceiros sexuais, mais atitudes negativas face ao sexo ocasional e seriam menos permissivas que os homens (Gentry, 1998).

O primeiro grande estudo sobre o duplo padrão sexual foi conduzido por Reiss (Crawford & Popp, 2003), onde este se focou nas atitudes perante a permissividade na sexualidade pré-marital. O seu estudo incluiu uma amostra representativa da população composta por 1550 adultos e estudantes de cinco escolas secundárias. O seu questionário inquiria sobre as atitudes perante a permissividade e a sua relação com outros factores como a idade, classe social, religião e características familiares (Reiss, 1967).

O mesmo autor (1964), classificou as atitudes perante a sexualidade pré-marital segundo 4 categorias: *abstinência* (ter relações sexuais antes do casamento é considerado errado); *duplo padrão* (os homens têm mais direito a ter relações sexuais antes do casamento do que as mulheres); *permissividade sem afecto* (o sexo antes do casamento é permitido para ambos os géneros, independentemente do envolvimento emocional); *permissividade com afecto* (o sexo antes do casamento é permitido para ambos os géneros dentro de uma relação de compromisso). Depois de responderem aos questionários, o autor apercebeu-se da evidência do duplo padrão sexual nas categorias *abstinência*, *permissividade sem afecto* e duplo padrão. Estes resultados eram influenciados por outras variáveis como a idade ou religião. Reiss (1967) verificou ainda que os padrões se encontravam em mudança no caminho de uma sexualidade mais igualitária.

A partir do final dos anos 60 e início dos anos 70, apontou-se para o declínio do duplo padrão sexual (Gentry, 1998; Crawford & Popp, 2003). A revolução sexual feminina, trouxe grandes alterações na forma como as mulheres actuavam e eram percebidas. No entanto apesar de crença de que o duplo padrão sexual desapareceria por completo, isto não aconteceu. Na realidade as atitudes sexuais tornaram-se mais igualitárias, mas ainda se verificam nos dias de hoje diferenças entre homens e mulheres (Crawford & Popp, 2003).

Crawford & Popp, (2003) na sua revisão da literatura afirmam que o grau de persistência do duplo padrão sexual é bastante variável consoante a cultura em que se

insere. Um factor importante do duplo padrão sexual é que as mulheres são julgadas mais negativamente do que os homens por iniciarem uma interacção sexual. O duplo padrão leva a julgamentos diferenciados entre homens e mulheres e consequentemente à culpabilidade sentida por parte das mulheres. No entanto a mudança destes padrões para uma sexualidade mais igualitária entre os géneros, permite que haja uma maior liberdade sexual (Crawford & Popp, 2003).

O duplo padrão sexual também tem impacto na identidade sexual feminina, este pode ser interiorizado e utilizado pelas mulheres para se definirem. Muitas vezes acreditam que se devem conformar com os padrões morais vigentes na sociedade, contrariando os seus desejos sexuais (Crawford & Popp, 2003). Investigações experimentais sobre percepções pessoais mostraram que ao contrariarem aquilo que é esperado pelos outros do seu papel de género, poderão ser rejeitadas pela sociedade, ainda que a violação das normas seja pequena (Crawford & Popp, 2003). As mulheres que se querem envolver sexualmente com o seu parceiro, mas acreditam que ele detém um duplo padrão sexual, são obrigadas a escolher entre assumir o seu desejo de ter relações sexuais ou recusa-las e salvar a sua reputação (Muchlenhard & Rodgers, 1998, cit. in Crawford & Popp, 2003). O duplo padrão sexual pode levar a que as mulheres sacrifiquem a sua autonomia sexual em troca de aceitação social (Crawford & Popp, 2003).

Milhausen & Herold (1999), realizaram um estudo com 165 estudantes universitárias onde pretendiam perceber até que ponto a sua percepção, atitudes pessoais e comportamentos sexuais suportavam a teoria do duplo padrão sexual. Constataram então que as jovens percepcionavam a existência do duplo padrão sexual pré-marital no contexto social onde estavam integradas. A maioria delas afirmou que as mulheres que têm muitos parceiros sexuais são julgadas mais severamente do que os homens que têm muitas parceiras sexuais. Relataram ainda, que as mulheres são socialmente punidas por terem tido muitos parceiros ficando com a sua reputação afectada. No entanto, quando lhes era inquirido o que pensavam a nível pessoal, estas não concordavam com o duplo padrão. Outra característica que indica a presença do duplo padrão sexual são as palavras utilizadas para descrever uma pessoa que tenha muitos parceiros sexuais. No seu estudo Milhausen & Herold (1999), contrariamente ao que o duplo padrão sexual poderia prever, as participantes atribuíram essencialmente palavras negativas para ambos os sexos. Esta atribuição de palavras mostra que se está a dar uma modificação nos padrões de avaliação no sentido de que os homens são também

julgados por terem várias parceiras sexuais. Isto mostra que se caminha no sentido de um padrão sexual singular que aprova os mesmos comportamentos sexuais para ambos os géneros (Milhausen & Herold, 1999).

Ramos *et al* (2005), efectuaram um estudo onde procuravam descrever e explorar a percepção das jovens universitárias relativamente às modificações registadas nos padrões de comportamento sexual pré-marital. À semelhança dos resultados obtidos por Milhausen & Herold (1999), também nesta amostra portuguesa, a maioria das inquiridas manifesta uma tendência para percepcionar a presença do duplo padrão sexual nos julgamentos sociais relativos à sexualidade pré-marital. Quando falam da sua opinião pessoal, estas julgam os comportamentos sexuais de ambos os géneros com base nos mesmos valores normativos, defendendo um padrão sexual singular assente na igualdade de oportunidades sexuais para ambos os géneros (Ramos *et al.*, 2005).

1.3.8 Outros Factores que influenciam as atitudes sexuais

Papaharitou *et al.* (2008), no seu estudo com estudantes de saúde, chegaram à conclusão que o género, valores pessoais e experiências de vida, influenciam as atitudes sexuais. O estudo de The National Campaign to Prevent Teen Pregnancy (2003), examinou as atitudes sexuais numa escola secundária. Verificou que desde cedo, os rapazes se sentem mais pressionados pelos seus pares do que as raparigas para terem a sua primeira relação sexual, sendo uma “vergonha” ser-se virgem a partir de uma determinada idade. Assim o seu estudo concluiu que os rapazes têm mais sexo e mais parceiros sexuais do que as raparigas e que eles são menos influenciados por aquilo que os pais pensam e lhes dizem sobre a sexualidade.

Taris, Semin & Bok, (1998) estudaram a influência das atitudes maternas nos seus filhos adolescentes, no que tocava à permissividade sexual e concluíram que o grau pelo qual os pais conseguem transmitir os seus valores depende da interacção familiar. As famílias com relações mais abertas entre os seus membros e maior compreensão mútua, têm tendência para ser mais permissivas.

Werner-Wilson (1998), estudou a influência de factores como a idade, género, auto-estima, religião e meio familiar, nas atitudes sexuais dos adolescentes e concluiu que a religião parecia ser o factor mais determinante das atitudes sexuais. Uma

participação activa na religião aumenta a taxa de abstinência. Vários estudos chegaram à conclusão que a religiosidade e a espiritualidade exercem uma importante influência nas atitudes sexuais, estando estes factores negativamente correlacionados com a permissividade sexual e a prática de comportamentos sexuais de risco (Miller & Olson, 1988; Sheeran *et al.*, 1993; Lefkowitz, 2004; Gall *et al.* 2002; Eisenman & Dantzer, 2006; Murray *et al.*, 2007;). Também a protecção familiar perante as raparigas, as diferenças de género no que toca a regras incutidas pelas famílias e o valor da virgindade parecem factores importantes no que concerne às diferenças de género (Villarruel, 1998). Os crentes tendem então a ser menos permissivos do que os não crentes (Gall *et al.*, 2002).

2. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

O estudo descritivo que nos propusemos fazer, tem como finalidade uma análise das diferenças de género que se verificam ao nível das atitudes sexuais e até que ponto elas são ou não significativas.

Assim, a pergunta de investigação que serviu como fio condutor ao longo deste trabalho é a seguinte: Até que ponto serão significativamente diferentes, as atitudes sexuais em ambos os géneros?

Formulámos então, as seguintes hipóteses:

Espera-se que:

H1: Se verifiquem diferenças de género nas atitudes sexuais.

H2: Os homens sejam mais permissivos do que as mulheres.

H3: Os homens sejam mais instrumentais do que as mulheres.

H4: As mulheres apresentem maiores índices de comunhão do que os homens.

H5: Os homens tenham mais parceiros sexuais do que as mulheres.

H6: A quantidade de parceiros esteja significativamente relacionada com a permissividade.

3.METODOLOGIA

3.1 Tipo de Estudo

O desenho do estudo é descritivo, transversal e comparativo (Ribeiro, 1999) e pretende aceder através de questionários de auto-resposta aos comportamentos e atitudes sexuais dos sujeitos.

3.2 Amostra

Este estudo tem uma amostra não probabilística, por conveniência, de 510 sujeitos sendo 201 (39,4%) do sexo masculino e 309 (60,6%) do sexo feminino.

A população do estudo são sujeitos portugueses com acesso à internet.

Os participantes têm idades compreendidas entre os 18 e os 72 anos ($M = 27,8$; $Std = 8,6$) sendo que 51,7% dos homens e 53,1% das mulheres tem entre os 18 e os 25 anos, seguido do intervalo dos 26 aos 35 anos que representa 30,8 % os homens e 33,7 % nas mulheres (gráfico1).

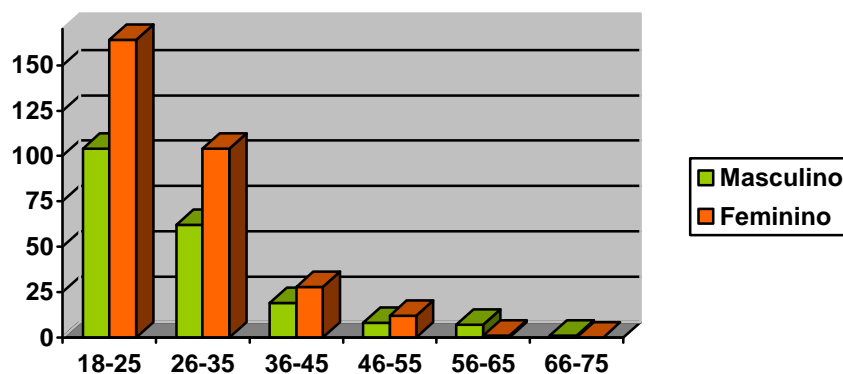


Gráfico 1 – Idade dos sujeitos

Relativamente à Nacionalidade, 96,5% dos homens e 96,7% das mulheres que participaram neste estudo, são portugueses. Quanto ao estado civil, 79,6% ($n=160$) dos homens e 75,1% das mulheres são solteiros ($n= 232$); 10,4% em ambos os sexos são casados (quadro1).

Quadro 1a –Características sócio-demográficas da amostra.

Variáveis sócio-demográficas	Homens		Mulheres	
	N	%	N	%
Sexo	201	39,4	309	60,6
Idade				
18-25	104	51,7	164	53,1
26-35	62	30,8	104	33,7
36-45	19	9,5	28	9,1
46-55	8	4,0	12	3,9
56-65	7	3,5	1	,3
66-75	1	,5	0	0
Nacionalidade				
Portuguesa	194	96,5	299	96,7
Outra	7	3,5	10	3,2
Estado Civil				
Solteiro(a)	160	79,6	232	75,1
Casado(a)	21	10,4	32	10,4
Divorciado(a)	8	4,0	14	4,5
Em união de facto	11	5,5	29	9,4
Viúvo (a)	1	,5	2	,6
Tem alguma relação de compromisso?				
Sim	112	55,7	203	65,7
Não, e não tenho parceiros sexuais	46	22,9	69	22,3
Não, mas tenho parceiros sexuais	43	21,4	37	12,0
Tempo da relação de compromisso				
Não tenho uma relação de compromisso	79	39,3	99	32,0
Menos de 6 meses	16	8,0	21	6,8
Mais de 6 meses e menos de 2 anos	30	14,9	43	13,9
Mais de 2 anos e menos de 5 anos	32	15,9	72	23,3
Mais de 5 anos e menos de 10 anos	29	14,4	47	15,2
Mais de 10 anos	15	7,5	27	8,7
Orientação Sexual				
Exclusivamente Heterossexual	184	91,5	271	87,7
Preferencialmente Heterossexual	6	3,0	24	7,8
Bissexual	2	1,0	7	2,3
Exclusivamente Homossexual	7	3,5	4	1,3
Preferencialmente Homossexual	2	1,0	3	1,0

Quadro 1b – Características sócio-demográficas da amostra .

Habilitações Literárias Completas				
7º ano	2	1,0	1	,3
9º ano	10	5,0	4	1,3
12º ano	28	13,9	36	11,7
Frequência universitária	72	35,8	85	27,5
Licenciatura	79	39,3	164	53,1
Mestrado	9	4,5	18	5,8
Doutoramento	1	,5	1	,3
Religião				
Católico praticante	18	9,0	29	9,4
Católico não praticante	91	45,3	155	50,2
Outra religião praticante	4	2,0	7	2,3
Outra religião não praticante	6	3,0	16	5,2
Nenhuma religião	82	40,8	102	33,0
Como considera o meio onde vive				
Meio Rural	31	15,4	43	13,9
Meio Urbano	170	84,6	266	86,1
Acompanhamento psicológico/psiquiátrico nos últimos 2 anos				
Sim	19	9,5	55	17,8
Não	182	90,5	254	82,2
N Total	201	100	309	100

Relativamente à situação relacional, 61,7% dos sujeitos (n=315) têm uma relação de compromisso.

Quanto à orientação sexual, 89% dos sujeitos, apresenta-se como *exclusivamente heterossexual* (n= 455).

Em relação às habilitações literárias, trata-se de uma amostra altamente qualificada, sendo que 243 sujeitos (48%) têm uma Licenciatura.

Relativamente à religião, 45,3% (n= 91) dos sujeitos do sexo masculino e 50,2% (n=155) do sexo feminino são Católicos não Praticantes, percentagens que se aproximam bastante dos 40,8% (n=82) e 33% (n=102) respectivamente, para a categoria “Nenhuma Religião”.

Quanto à área de residência, 68,7% dos sujeitos do sexo masculino e 63,4% dos sujeitos do sexo feminino, residem em Lisboa ou Grande Lisboa (anexo A).

A maioria dos participantes residem em meio urbano são eles 84,6% (n=170) dos homens e 86,1% (n=276) das mulheres. Apenas 14,5% da amostra total, reside em meio rural.

Relativamente ao acompanhamento psicológico, apenas 9,5% dos sujeitos do sexo masculino e 17,8% dos sujeitos do sexo feminino tiveram acompanhamento psicológico nos últimos 2 anos.

3.3 Material

A avaliação foi efectuada através de questionários anónimos de auto-resposta que incluíam: um questionário Sócio-Demográfico, um questionário sobre Comportamentos Sexuais e a Escala Breve de Atitudes Sexuais de Hendrick & Hendrick (2006).

Questionário Sócio-Demográfico – Composto por 12 questões de resposta obrigatória, tinha como objectivo aceder a dados como a idade, o sexo, estado civil, habilitações literárias entre outros (anexo B).

Questionário de comportamentos sexuais – Constituído por 9 questões tendo sido algumas retiradas de Alferes (1997) como p.e. “ Que idade tinha quando teve pela primeira vez relações sexuais?” ou “Já alguma vez durante toda a sua vida, teve um orgasmo?” (Alferes, 1997, pp. 222 e 223), tinha como objectivo conhecer alguns comportamentos e práticas sexuais da amostra (anexo C).

Escala Breve de Atitudes Sexuais (Hendrick & Hendrick, 2006 ; Alferes, 1997). – Trata-se da versão reduzida da Escala de Atitudes Sexuais de Hendrick & Hendrick (1985). A tradução da versão mais longa da escala e adaptação à população portuguesa, foi efectuada por Alferes (1997), pelo que utilizámos os 23 itens relativos à Escala Breve de Atitudes Sexuais que constavam nesta adaptação (anexo D).

É uma escala de *Likert* que contém 23 itens e comporta, tal como a versão anterior, 4 subescalas. As categorias de resposta têm 5 níveis e situam-se entre “completamente em desacordo” e “completamente de acordo”. As subescalas são as seguintes: Permissividade com 10 itens que apresentam um α de *Cronbach*= .95, e de que é exemplo “as relações sexuais ocasionais são aceitáveis”; “Comunhão” com cinco itens que apresentam um α de *Cronbach*= .79 e de que é exemplo “O sexo é a forma mais íntima de comunicação entre duas pessoas”; “Instrumentalidade” também com cinco itens que apresentam um α de *Cronbach* = .79 e de que é exemplo “ O sexo é em

primeiro lugar obter prazer através do outro” e por fim Planeamento com três itens que apresentam um α de *Cronbach* = .87 e de que é exemplo “O planeamento familiar faz parte de uma sexualidade responsável.

Esta escala tem propriedades métricas “superiores à Escala de Atitudes Sexuais mais extensa” (Hendrick & Hendrick, 2006, p.82) visto que a escala de 43 itens apresenta GFI = .96; RMSEA = .08; CFI= .97 enquanto a Escala Breve de Atitudes Sexuais tem GFI= .98; RMSEA= .05 ; CFI= .99. Também o teste do qui-quadrado indica diferenças bastante significativas ($p < .001$).

3.4 Procedimento

O instrumento foi colocado no site www.surveymonkey.com, com uma primeira página de consentimento informado que explicava do que se tratava o estudo, qual o seu objectivo, que era de carácter anónimo e que este só poderia ser respondido por sujeitos com mais de 18 anos (anexo E). O instrumento era de auto-resposta e deveria ser preenchido na íntegra, caso, os participantes saltassem alguma questão, não seriam autorizados a continuar enquanto não respondessem a essa questão (com excepção das questões 2 à 6 no questionário sobre comportamentos sexuais, para quem respondeu “Nunca tive relações sexuais” na pergunta 1).

O link deste site foi disponibilizado em alguns *blogs*, bem como foi feita a sua divulgação através de e-mail, procedendo-se à recolha da amostra pela técnica de *snowball* (Ribeiro, 1999) onde se pediu aos primeiros sujeitos que receberam o e-mail de divulgação do estudo, o favor de reenviarem aos seus contactos. O site esteve activo durante 2 meses, período durante o qual foi feita a recolha integral dos dados da amostra.

No total obteve-se 750 respostas ao questionário, no entanto como era essencial o seu preenchimento na íntegra, excluíram-se 240 questionários que não se encontravam completos. Assim, a amostra final ficou constituída por 510 sujeitos.

Os dados foram importados para uma folha de Excel e seguidamente transferidos para SPSS 15 (*Statistical Package for Social Sciences*) com o objectivo de proceder ao tratamento estatístico.

4. RESULTADOS

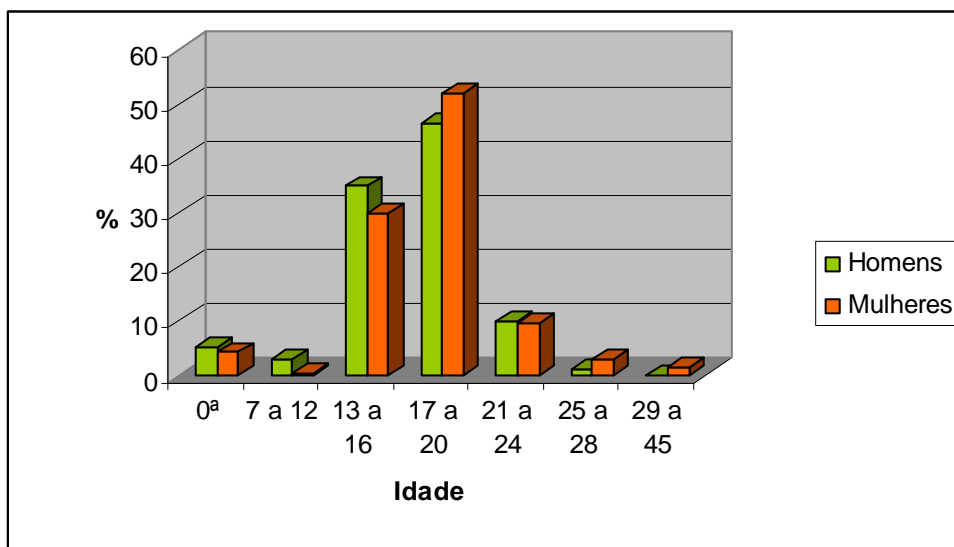
Apresentamos de seguida, os resultados obtidos na nossa amostra relativamente a vários factores e sempre com foco nas diferenças entre os sexos.

4.1 Comportamentos Sexuais

4.1.1 Idade da Primeira Relação Sexual

Relativamente à idade da primeira relação sexual, 46,3% dos sujeitos do sexo masculino e 51,8% dos sujeitos do sexo feminino, tiveram a sua primeira relação sexual entre os 17 e os 20 anos seguindo-se de 34,8% e 29,8% respectivamente, para a classe dos 13 aos 16 anos (gráfico 2). As diferenças entre os géneros apresentam-se estatisticamente significativas $r(510) = 0,137$, $p = 0,003$ sendo a média de idade da primeira relação sexual masculina $[M(201)=17,19; DP=2,964]$ inferior à feminina $[M(309)=18,11; DP=3,476]$ (anexo F).

Gráfico 2 - Idade da primeira relação sexual



4.1.2 Número de parceiros

Em relação ao número de parceiros sexuais encontramos diferenças significativas tanto ao nível da quantidade de parceiros no último ano [$r(510) = -0,146$; $p = 0,001$], como ao nível da quantidade de parceiros ao longo da vida [$r(510) = -0,263$; $p = 0,000$] (anexo G).

Relativamente ao último ano, 92% dos sujeitos do sexo masculino e 94,5% dos sujeitos do sexo feminino tiveram entre 0 a 5 parceiros sexuais (quadro 2), apresentando-se a média masculina [$M(201) = 1,79$; $DP = 1,63$], mais elevada que a feminina [$M(309) = 1,36$; $DP = 1,24$].

Podemos também verificar que 48% dos homens e 72,5% das mulheres, afirmam ter tido entre 1 a 5 parceiros durante a sua vida seguindo-se de 22,9% dos homens e 13,9% das mulheres que tiveram entre 6 a 10 parceiros (quadro 2) sendo a média masculina [$M(201) = 10,81$; $DP = 15,52$], mais elevada que a média feminina [$M(309) = 4,81$; $DP = 5,88$].

Quadro 2 – Número de parceiros sexuais em função do género

	Homens (n=201)		Mulheres (n=309)	
	N	%	N	%
Parceiros no último ano				
0 ^a	10	5,0	13	4,2
0-5	185	92,0	292	94,5
6-10	6	3,0	3	1,0
11-15	0	0	1	,3
	M	1,79		1,36
	DP	1,63		1,24
Parceiros ao longo da vida				
0 ^a	10	5,0	13	4,2
1-5	98	48,8	224	72,5
6-10	46	22,9	43	13,9
11-20	29	14,4	26	8,4
21-30	3	1,5	1	,3
31-50	10	5,0	1	,3
51-100	5	2,5	1	,3
	M	10,81		4,81
	DP	15,52		5,88

^a Indivíduos que nunca tiveram relações sexuais

4.1.3 Relações sexuais fora da relação de compromisso

Também neste item se verificam diferenças estatisticamente significativas (anexo H), entre ambos os sexos [$r(510) = 0,119$; $p = 0,008$] sendo que 20% dos indivíduos do sexo masculino e 12% dos indivíduos do sexo feminino tiveram relações sexuais com outra pessoa durante o actual (ou o último) período de relacionamento (Gráfico 3 e Gráfico 4).

Gráfico 3 – Relações sexuais fora da relação de compromisso nos Homens

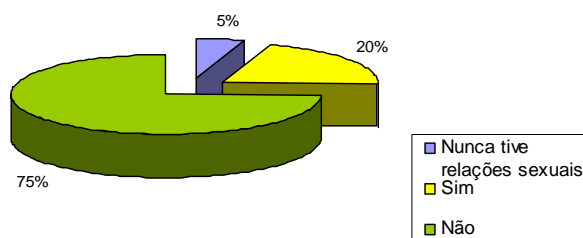
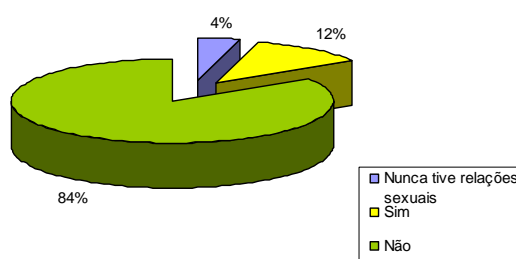


Gráfico 4 - Relações sexuais fora da relação de compromisso nas Mulheres



4.1.3.1 Relação entre a ocorrência de relações sexuais fora da relação de compromisso e o tempo de duração da relação.

Verificamos que 39.7% dos sujeitos que tiveram relações sexuais com outra pessoa fora da relação de compromisso, neste momento, não têm uma relação de compromisso. Seguidamente, 17,9% dos sujeitos têm uma relação de compromisso há mais de cinco anos e menos de dez anos (consultar anexo I).

4.1.4 Métodos Contraceptivos

Como constatamos no quadro 3, 76,1% dos homens (n=153) e 82,5% das mulheres (n=255), utiliza sempre ou a maior parte das vezes, métodos contraceptivos. Verificam-se diferenças significativas entre os sexos: $r(510) = 0,149$; $p = 0,029$ (anexo J).

Quadro 3 – Frequência de utilização de métodos contraceptivos

	Homens (n= 201)		Mulheres (n=309)	
	N	%	N	%
Nunca tive relações sexuais	10	5,0	13	4,2
Sempre	107	53,2	199	64,4
A maior parte das vezes	46	22,9	56	18,1
Algumas vezes	10	5,0	18	5,8
Poucas vezes	17	8,5	10	3,2
Nunca	11	5,5	13	4,2
Total	201	100,0	309	100,0

Os métodos contraceptivos mais utilizados são o preservativo que é utilizado por 53,2% dos homens e 24,3% das mulheres, seguido da pílula que é utilizada por 16,4% dos homens e 44,3% das mulheres (quadro 4).

Quadro 4 - Tipos de métodos contraceptivos utilizados

	Homens (n= 201)		Mulheres (n=309)	
	N	%	N	%
Nunca tive relações sexuais	10	5,0	13	4,2
Não utilizo nenhum método	9	4,5	10	3,2
Método do Calendário	0	0	5	1,6
Método da temperatura	0	0	0	0
Coito interrompido	1	,5	3	1,0
Pílula	33	16,4	137	44,3
Anel vaginal	3	1,5	4	1,3
Adesivo	0	0	2	0,6
Implante	0	0	1	0,3
Diu	1	,5	3	1,0
Injeção Contraceptiva	0	0	0	0
Pílula do dia seguinte	0	0	0	0
Preservativo	107	53,2	75	24,3
Preservativo conjugado com outro método	35	17,4	50	16,2
Outro	2	1,0	6	1,9
Total	201	100,0	309	100,0

4.1.4.1 Relação entre a utilização do preservativo e os sujeitos que não têm uma relação de compromisso, mas têm parceiros sexuais.

Relativamente à utilização do preservativo pelos sujeitos com parceiros sexuais ocasionais, 82,5% (n=66) dos indivíduos utilizam o preservativo ou o preservativo conjugado com outro método contraceptivo (anexo K).

4.1.5 Vivência do orgasmo

Relativamente à experiência orgásmica, como podemos verificar no quadro 6, 98,5% dos homens e 92,2% das mulheres diz já ter tido um orgasmo.

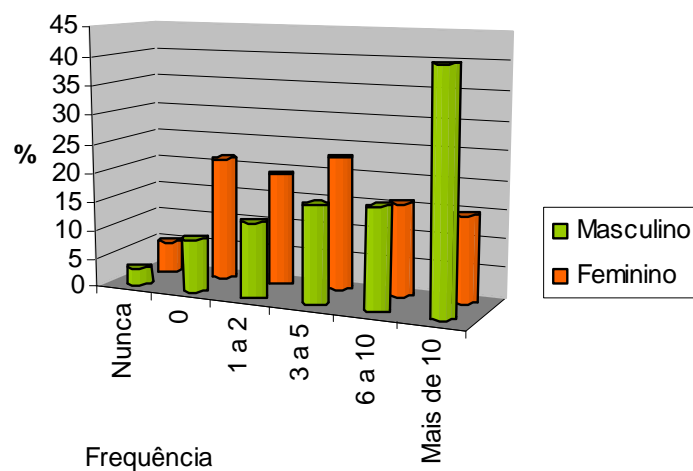
Quanto à frequência do orgasmo no último mês, 40,8% (n=82) dos homens afirma ter experienciado mais de 10 vezes o orgasmo, enquanto que 23% (n= 71) das mulheres diz ter experienciado entre 3 a 5 vezes, seguido de 17,4% (n= 35) dos homens que dizem ter tido o orgasmo entre 6 a 10 vezes e 21,4% (n= 66) das mulheres afirmam não ter tido o orgasmo nenhuma vez (gráfico 5).

As diferenças entre ambos os sexos são estatisticamente significativas, sendo que os homens experienciam mais o orgasmo do que as mulheres [$r(510)=0,316$; $p=0,000$] (anexo L).

Quadro 5 – Vivência do orgasmo ao longo da vida.

	Homens		Mulheres	
	N	%	N	%
Não ou não sabe	3	1,5	24	7,8
Sim	198	98,5	285	92,2
Total	201	100,0	309	100,0

Gráfico 5 – Frequência do orgasmo no último mês.

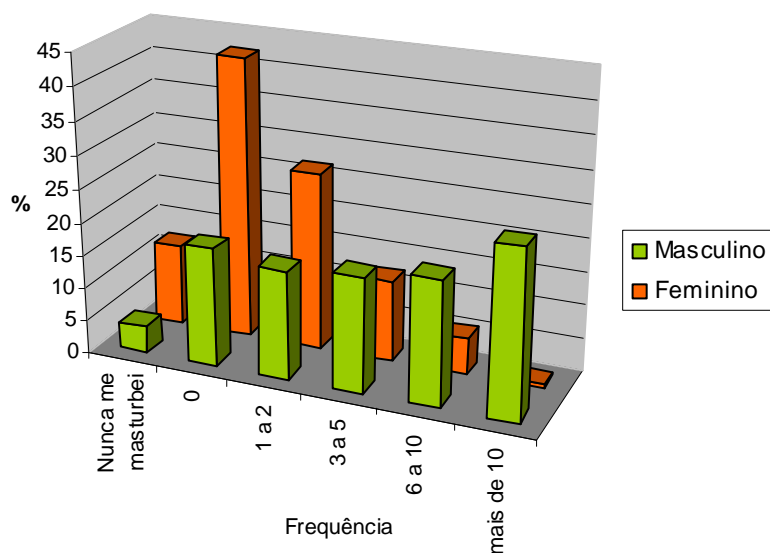


4.1.6 Prática da Masturbação

Relativamente à prática da masturbação, 25,4% ($n= 51$) dos sujeitos do sexo masculino masturbaram-se mais de 10 vezes no último mês enquanto que 42,4% ($n= 131$) das mulheres não se masturbou nenhuma vez no último mês (gráfico 6).

Verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres sendo que os homens apresentam maior prática da masturbação do que as mulheres, $r(510)= 0,508$; $p=0,000$ (anexo M).

Gráfico 6 – Frequência da masturbação no último mês.



4.2 Atitudes Sexuais

Relativamente à escala reduzida de atitudes de Hendrick & Hendrick (2006), manifestam-se diferenças estatisticamente significativas entre os sexos em todas as sub-escalas, há exceção da subescala de *Instrumentalidade* $p= 0,346$. Estas considerações formularam-se através da comparação de médias - obtidas através da soma dos scores, dividida pelo número de itens em cada subescala - com o teste de Wilcoxon – Mann-Whitney (quadro 6) para verificar, qual dos sexos apresentava um maior ou menor índice em cada factor e quais as diferenças significativas em cada subescala (anexo N).

Assim, relativamente à subescala de *Permissividade*, encontramos diferenças estatisticamente significativas $p=0,000$. Os homens ($M=302,14$) manifestam-se portanto, mais permissivos do que as mulheres ($M=225,16$).

Para a subescala *Comunhão*, as mulheres apresentam valores mais elevados ($M= 269,76$) de comunhão do que os homens ($M=233,57$), sendo que há uma diferença significativa, $p=0,006$.

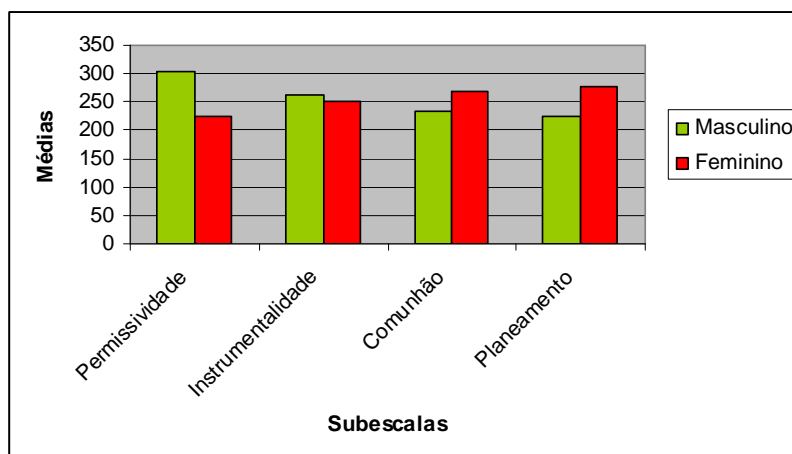
Relativamente à subescala *Planeamento* as diferenças também são significativas ($p=0,000$), sendo que as mulheres ($M=276,53$) dão mais atenção a este factor do que os homens ($M=223,16$).

Por fim, medimos com recurso ao teste correlacional de Pearson, a correlação entre a quantidade de parceiros ao longo da vida e o grau de permissividade e concluímos que também estes dois factores estão directamente relacionados: $r(510)=0,253$; $p=0,000$ (anexo O).

Quadro 6 – Coeficientes de correlação para a comparação de medias entre os sexos

	Sig.
Permissividade	0,000
Instrumentalidade	0,346
Comunhão	0,006
Planeamento	0,000

Gráfico 7 – Comparação das médias entre os sexos para cada subescala.



4.3 Relação entre a idade, atitudes sexuais e alguns comportamentos sexuais

Na relação da idade com as diferentes variáveis (anexo P), notamos que existem diferenças significativas na subescala «comunhão» $r(510)=0,105$; $p=0,018$; na

variável que media a quantidade de parceiros ao longo da vida $r(510) = 0,374$; $p = 0,000$ e na ocorrência de relações sexuais fora das relações de compromisso $r(510) = -0,199$; $p = 0,000$.

Quadro 7 – Coeficientes de correlação para a comparação da idade com as atitudes sexuais e alguns comportamentos sexuais

	R	p
Permissividade	0,056	0,208
Instrumentalidade	-0,008	0,861
Comunhão	0,105	0,018
Planeamento	0,068	0,123
Quantidade de parceiros na vida	0,374	0,000
Quantidade de parceiros no último ano	-0,054	0,233
Masturbação	-0,025	0,573
Relação sexual fora do compromisso	-0,199	0,000

4.4 Relação Entre a Religião, Atitudes Sexuais e Alguns Comportamentos Sexuais

Utilizámos os coeficientes de correlação de Pearson e de Cramer para relacionar a religião com as variáveis mencionadas no quadro. Verificámos diferenças estatisticamente significativas entre esta variável e a permissividade: $r(510) = 0,214$; $p = 0,000$; a quantidade de parceiros ao longo da vida: $r(510) = 0,128$; $p = 0,005$; quantidade de parceiros no último ano: $r(510) = 0,149$; $p = 0,001$ e prática da masturbação: $r(510) = 0,151$; $p = 0,001$ (anexo Q).

Quadro 8 - Coeficientes de correlação para a comparação da religião com as atitudes sexuais e alguns comportamentos sexuais

	r	p
Permissividade	0,214	0,000
Instrumentalidade	0,042	0,344
Comunhão	-0,075	0,092
Planeamento	0,034	0,446
Quantidade de parceiros na vida	0,128	0,005
Quantidade de parceiros no último ano	0,149	0,001
Masturbação	0,151	0,001
Relação sexual fora do compromisso	0,387	0,092

4.5 Relação Entre o Meio Habitacional e Atitudes Sexuais

Encontram-se diferenças estatisticamente significativas também na relação entre o meio habitacional e as atitudes sexuais ao nível da permissividade $r(510) = 0,096$; $p = 0,030$ e da comunhão $r(510) = 0,088$; $p = 0,046$. Dados que obtivemos através da utilização dos coeficientes de correlação de Pearson e Cramer (anexo R).

Quadro 9 – Coeficientes de correlação para a comparação entre o meio habitacional e as atitudes sexuais

	r	p
Permissividade	0,096	0,030
Instrumentalidade	0,064	0,151
Comunhão	0,088	0,046
Planeamento	0,077	0,082

5. DISCUSSÃO

Recordando a nossa questão de investigação que procurava perceber se existiam diferenças nas atitudes sexuais, entre os géneros, consideramos que o nosso principal objectivo em estudo prendia-se com a análise das diferenças nos padrões atitudinais e comportamentais entre homens e mulheres.

A nível global podemos dizer que, os resultados obtidos vão de encontro aos objectivos a que nos propusemos. Ao analisarmos as respostas dadas pelos participantes neste estudo, confirmámos várias hipóteses. Percebemos com base nos dados obtidos que as atitudes sexuais são diferentes entre os dois géneros. Os homens parecem ser mais permissivos do que as mulheres e este factor encontra-se directamente relacionado com o número de parceiros, constatando-se que eles têm mais parceiros do que elas. Por outro lado, as mulheres apresentam *scores* mais elevados na subescala *comunhão* do que os homens. Verificámos ainda um dado que não previmos: a diferença significativa existente a nível do planeamento familiar e da utilização de métodos contraceptivos, sendo as mulheres quem mais se preocupa com este factor. Por outro lado, rejeitámos a hipótese que havíamos colocado relativa à diferença entre os sexos na subescala de atitudes sexuais *Instrumentalidade*, não se tendo verificado diferenças significativas a este nível.

Numa tentativa de aprofundar um pouco mais a exploração dos resultados obtidos, começemos por nos debruçar sobre a primeira hipótese onde se esperava que se verificassem diferenças de género nas atitudes sexuais. Os resultados confirmaram esta hipótese, mostrando que existem diferenças significativas entre os géneros em várias variáveis e apontando para a presença de um duplo padrão sexual o que vai de encontro aos resultados encontrados por Ramos *et al.* (2005). A idade da primeira relação sexual é mais baixa nos homens. Estes tiveram mais parceiros não só ao longo da vida, como no último ano, mais relações sexuais fora da relação de compromisso, maior vivência do orgasmo e mais prática da masturbação, dados que vão de encontro aos resultados encontrados por Alferes (1997). Por outro lado, as mulheres apresentam maior frequência de utilização de métodos contraceptivos. Também na Escala de Atitudes Sexuais, se verificaram diferenças significativas em todas as subescalas, há excepção da subescala *Instrumentalidade*. Estas diferenças são consistentes com outros estudos empíricos efectuados anteriormente que sugerem a existência de diferenças entre os géneros ao nível das atitudes sexuais

(Hendrick & Hendrick, 1985; Oliver & Hyde, 1993; Eisenman & Dantzker, 2006; Kiefer & Sanchez, 2007).

Relativamente à segunda hipótese que esperava que os homens fossem mais permissivos do que as mulheres, os resultados apontaram para a sua confirmação, apresentando-se diferenças estatisticamente significativas entre ambos os sexos. Estes resultados vêm comprovar os dados encontrados por Hendrick & Hendrick (1985/ 2006), Eisenman & Dantzker (2006) e Gall *et al.* (2002) que verificaram que os homens apresentavam atitudes mais permissivas do que as mulheres em relação à sexualidade aceitando mais naturalmente relações sexuais ocasionais.

Rejeitámos a terceira hipótese que pressupunha que os homens fossem mais instrumentais do que as mulheres. Contrariamente ao que Hendrick e Hendrick constataram nos seus estudos em 1985 e 2006, no nosso estudo não se verificaram diferenças significativas entre os sexos nesta variável.

A instrumentalidade designa o sentimento de que o sexo é maioritariamente a obtenção de prazer físico e não se encontra relacionada com sentimentos de ligação emocional, logo, influenciará o que alguns estudos apontados na revisão da literatura nos referem: que os homens não só têm mais relações sexuais ocasionais como também têm mais desejo e mais parceiras sexuais (Marín *et al.*, 1993; McCabe, 2005). Em concomitância, os mesmos factos se verificam neste estudo. Logo, é de estranhar que não se verifiquem diferenças significativas na subescala *Instrumentalidade*. Pensamos que a evolução das atitudes sexuais ao longo dos tempos poderá ser uma possível explicação. Esta aproximou ambos os sexos para atitudes mais semelhantes (Wells & Twenge, 2005) em que os comportamentos sexuais se alteraram maioritariamente nas mulheres, tornando-se estas mais permissivas. Verifica-se cada vez mais, a implementação da nova ética sexual que traz novos valores à sociedade ocidental ao nível da sexualidade: honestidade, igualdade e responsabilidade (*HER*), (Reiss, 1967). No entanto, o duplo padrão sexual está presente nesta amostra, verificando-se diferenças entre os sexos no que concerne à sexualidade. Mas, se recorrermos à teoria de Tittle & Hill (1967), (cit. in Wells & Twenge, 2005) que refere que as atitudes se alteram antes dos comportamentos, poderíamos pensar que a razão pela qual esta incongruência se verifica, é porque as atitudes continuam em mudança e heverá uma tendência para a diminuição das diferenças entre os géneros no futuro. Sendo assim, e se isto se verificar, é possível que dentro de alguns anos, também possamos não encontrar diferenças significativas ao nível do número de parceiros sexuais.

Na quarta hipótese, esperava-se que as mulheres apresentassem maiores índices de *comunhão* do que os homens. Esta hipótese foi confirmada visto que as mulheres mostraram um sentimento de maior envolvimento emocional nos comportamentos e atitudes sexuais, onde o envolvimento sexual era encarado como um acto de amor, de partilha emocional e de intimidade, mostrando índices mais elevados na subescala *comunhão* do que os homens. Estes dados vão de encontro a outros estudos efectuados (Hendrick & Hendrick, 1985/ 2006; Alferes, 1997; Bimbaum & Laser-Brandt, 2002) que concluíram que as mulheres são mais conservadoras e idealistas, dão mais atenção ao compromisso romântico e desejam mais envolvimento emocional.

A nossa quinta hipótese foi também confirmada, constatámos que os homens tinham mais parceiros sexuais do que as mulheres e logo, mais sexo ocasional e mais sexo fora da relação de compromisso. Verificámos que ao longo da sua vida os homens tiveram em média cerca de 11 parceiros sexuais ($M=10,81$) e as mulheres tiveram cerca de 5 parceiros sexuais ($M=4,81$). Relativamente ao sexo ocasional verificámos que 21,4% de homens e apenas 12% das mulheres participantes neste estudo, *não têm uma relação de compromisso, mas têm relações sexuais*. Face à variável que media a frequência de relações sexuais fora de uma relação de compromisso, constatámos que 20% dos homens e 12% das mulheres tiveram relações sexuais com outra pessoa durante a última ou actual relação de compromisso. Estes resultados dever-se-iam ao facto de a interacção sexual masculina ser encarada de um modo mais centrado no prazer e ter uma vertente mais funcional (como se verifica através dos resultados encontrados na subescala permissividade). O facto de os homens terem mais parceiros sexuais do que as mulheres, relaciona-se com o conceito de sociosexualidade que se prende com o desejo de ter vários parceiros ocasionais, dentro ou fora de uma relação de compromisso (Yost & Zurbriggen, 2006).

Confirmámos também a nossa última hipótese: *Espera-se que a quantidade de parceiros esteja significativamente relacionada com a permissividade*. Verificámos que a relação entre estas duas variáveis é estatisticamente significativa. Assim, os sujeitos que têm várias relações ocasionais, apresentam *scores* mais elevados na subescala *permissividade*, o que se encontra em concordância com outros estudos que também apontam para a relação entre estes dois factores, onde as atitudes face ao sexo

ocasional influenciam a procura de vários parceiros sexuais (Hendrick, 1985; Gall *et al* 2002).

Relativamente à utilização de métodos contraceptivos e preocupação com o planeamento familiar, verificámos que existem diferenças significativas entre ambos os géneros ao nível da subescala *planeamento* ($p=0,000$) o que denota uma maior preocupação feminina relativamente a este factor e consequentemente, uma maior utilização de métodos contraceptivos, embora, estas diferenças não sejam muito grandes (76% dos homens e 82,5% das mulheres, utilizam sempre ou a maioria das vezes, métodos contraceptivos). Estes resultados vêm confirmar dados encontrados anteriormente por Hendrick & Hendrick, (1985/ 2006), Alferes, (1997) e Bimbaum & Laser-Brandt, (2002), onde as mulheres eram mais responsáveis e preocupavam-se mais com o planeamento familiar. Em relação ao uso do preservativo por parte dos sujeitos que não têm uma relação de compromisso, mas têm parceiros sexuais, verifica-se que 82,5% utilizam o preservativo ou este conjugado com outro método, o que mostra que grande maioria dos sujeitos se preocupa com a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Hynie & Lydon (1995) (cit. in Crawford & Popp, 2003) afirmaram que as relações sexuais sem protecção representaram sempre um risco de uma possível gravidez para as mulheres, mas com o aparecimento do VIH/SIDA, tanto homens como mulheres começaram a preocupar-se mais com a prevenção da sua transmissão, passando a utilizar mais o preservativo.

Verificámos também a relação entre a ocorrência de relações sexuais fora da relação de compromisso e o tempo de duração da relação. É interessante notar que uma grande percentagem de sujeitos (39,7%) não têm uma relação de compromisso, o que nos leva a pressupor que os sujeitos com uma maior sociosexualidade não necessitem de ter uma relação de compromisso para ter relações sexuais, e quando têm, sentem a necessidade de se envolver com outros parceiros, tal como afirmaram Yost & Zurbriggen (2006).

Pretendemos ainda, ir mais longe e explorar, dentro dos dados recolhidos, até que ponto poderiam ser corroborados alguns aspectos das teorias explicativas das diferenças de género nas atitudes sexuais. As teorias evolutivas e a sociobiologia, defendem que a sexualidade humana tem como objectivo a reprodução, o que faz com que os homens tenham uma maior necessidade de encontrar diferentes parceiras no sentido de espalhar o mais possível os seus genes e por outro lado as mulheres sejam mais selectivas no processo de escolha do parceiro sexual e necessitem de um maior

envolvimento emocional para se envolverem sexualmente com um parceiro (Oliver & Hyde). Mas até que ponto é que factores culturais e sociais não influenciarão também as diferenças de género nas atitudes sexuais tal como defendem autores como Baumeister (2000) ou Werner-Wilson (1998)?

Para uma melhor compreensão desta questão, decidimos testar a relação da idade, religião e meio habitacional com as subescalas de atitudes e com alguns comportamentos sexuais. Diversos estudos verificaram que a idade é um factor importante para a determinação das atitudes sexuais (Werner-Wilson, 1998; Gall *et al.*, 2002). Na nossa amostra a idade parece influenciar a quantidade de parceiros: quanto mais velhos são os sujeitos, mais parceiros tiveram ao longo da vida; o sentimento de intimidade e de envolvimento romântico (*comunhão*), também aumenta com a idade, e por fim, as relações fora da relação de compromisso estão negativamente relacionadas com a idade, logo os mais jovens tendem a ter mais parceiros fora da relação de compromisso. Pensamos que este último aspecto possa estar relacionado com o menor sentimento de *comunhão* verificado nos mais jovens em comparação com os mais velhos. Assim, com o aumento da idade, haverá também um aumento da ligação afectiva nas relações de compromisso e logo uma diminuição da ocorrência de relações sexuais fora dela. Os outros dados que testámos (masturbação, quantidade de parceiros no último ano, *planeamento*, *instrumentalidade* e *permissividade*) não se relacionavam directamente com a idade.

Ao explorarmos a relação da religião com as atitudes sexuais e outras variáveis que nos pareceram pertinentes, percebemos que esta está relacionada com o grau de permissividade, a prática de masturbação e a quantidade de parceiros ao longo da vida e no último ano. Estes dados vão de encontro aos dados recolhidos em diversos outros países em que se verificou que a religiosidade e espiritualidade regulam as atitudes sexuais, sendo os crentes menos permissivos que os não crentes (Gall *et al.*, 2002; Murray *et al.*, 2007).

Por fim, percebemos que também o meio habitacional está relacionado com as atitudes sexuais ao nível da *permissividade* e *comunhão*. Verifica-se a influência social e cultural do local onde os participantes residem, nos seus padrões atitudinais e comportamentais ao nível da sexualidade, o que vai de encontro a vários estudos que relacionam a influência cultural e social com as atitudes sexuais (Marín *et al.*, 1993; Haavio-Mannila & Kontula, 2003; Eisenman & Dantzker, 2006; Cuffee *et al.*, 2007).

Depois de verificarmos a relação entre estes factores, pensamos que é interessante perceber que se as teorias evolutivas e sociobiológicas fazem sentido no aspecto da evolução humana e da manutenção da espécie, não podemos descurar a importante influência de factores sociais e ideológicos nas atitudes e comportamentos

sexuais. Assim, talvez este fenómeno não possa ser compreendido apenas por uma, mas sim por várias teorias.

Relativamente ao método de recolha de dados, o facto de a amostra ter sido recolhida na Internet, traz mais valias para este estudo, no sentido em que o número de sujeitos que participaram é maior do que se tivesse sido recolhida presencialmente e é mais variada, havendo sujeitos de várias zonas do país, várias idades e vários meios sociais e habitacionais. Carvalheira (2007) afirma na revisão de literatura que efectuou sobre estudos na *Web* que há uma facilidade na recolha de dados e um mais amplo e diversificado acesso aos participantes, bem como a obtenção de uma grande quantidade de dados através de grandes amostras com baixos custos e em menos tempo. Há a possibilidade de uma participação mais honesta por parte dos sujeitos pelo facto de o anonimato ser maior (Cooper *et al.* 2002 cit. in Carvalheira, 2007).

Por outro lado também poderá trazer limitações ao estudo visto que o facto de os dados serem recolhidos online, torna impossível o controlo do ambiente onde estes são preenchidos o que poderá influenciar o seu preenchimento, e poderão também surgir participações repetidas (Reips, 2000, cit. in Carvalheira, 2007). Outro factor importante é que apenas os sujeitos que têm acesso à internet puderam fazer parte da nossa amostra.

Encontramos ainda outras limitações neste estudo. Trata-se de uma amostra diversificada, porém centrada maioritariamente nas faixas etárias entre os 18 e os 35 anos ($M=27$) limita as conclusões que se poderão tirar das demais faixas etárias, principalmente quando as comparamos entre si. Os resultados também se poderão dispersar quando os analisamos num todo, visto que a amostra não é homogénea a este nível. O mesmo ocorre entre os meios habitacionais. A maioria dos participantes deste estudo reside em meio urbano e apenas 14,5% reside em meio rural. Por fim, este estudo, contém uma amostra não representativa, por isso não podemos generalizar os resultados.

Futuramente seria interessante repetir esta investigação alargando os meios de divulgação a mais Web sites, de modo a permitir que a amostra chegasse a mais zonas do país e se tornasse mais homogénea. Também poderíamos restringir os dados analisados até aos 35 anos, dado que verificamos a taxa mais elevada de respostas até esta idade ou ainda, estudar somente a sexualidade pré-marital (solteiros). Após efectuarmos a primeira recolha de dados, procederíamos a uma nova recolha, com as mesmas condições metodológicas, passados 5 anos e uma terceira recolha passados 10 anos (da primeira). Seria bastante interessante comparar os

dados recolhidos e tentar perceber até que ponto as atitudes sexuais se alteraram ao longo do tempo e se se verificou a tendência que alguns estudos apontam: uma igualdade crescente entre os sexos ao nível das atitudes e comportamentos sexuais (Gentry, 1998; Wells & Twenge, 2005; Earle *et al.*, 2007).

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alferes, V. R. (1997). *Encenações e Comportamentos Sexuais. Para uma psicologia da sexualidade*. Porto: Edições Afrontamento.

Alvarez, M. J. (2005). *Representações cognitivas e comportamentos sexuais de risco. O guião e as teorias implícitas da personalidade nos comportamentos sexuais de risco*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Amâncio, L. (2001). O género na psicologia: Uma história de desencontros e rupturas. *Psicologia*, 15 (1), 9-26.

Baumeister, R. F. (2000). Gender differences in Erotic Plasticity: The female sex drive as socially flexible and responsive. *Psychological Bulletin*, 126 (3), 347-374.

Baumeister, R. F., Catanese, K. R. & Vohs, K. D. (2001). Is there a gender difference in strength of sex drive? Theoretical views, conceptual distinctions, and a review of relevant evidence. *Personality and Social Psychology Review*, 5(3), 242-273.

Baumeister, R. F. (2004). Gender and erotic plasticity: Sociocultural influences on the sex drive. *Sexual and Relationship Therapy*, 19(2), 133-139.

Baumeister, R. F. & Stillman, T. (2006). Erotic plasticity: Nature, culture, gender and sexuality. *Sex and Sexuality*, 1, 343-359.

Bimbaum, G. E. & Laser-Brandt, D. (2002). Gender differences in the experience of heterosexual intercourse. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 11(3-4), 143-158.

Burr, V. (1998). *Gender and Social Psychology*. London: Routledge.

Carvalheira, A. A. (2007). Novas metodologias de investigação psicológica na internet: Uma revisão teórica. *Psychologica*, 46, 67-83.

Crawford, M., & Popp, D. (2003). Sexual double standards: A review and methodological critique of two decades of research. *The Journal of Sex Research*, 40(1), 13-26.

Cuffee, J. J., Hallfors, D.D., & Waller, M. W. (2007). Diferenças raciais e de gênero nas atitudes sexuais dos jovens e associações longitudinais com o início da actividade sexual. *Journal of Adolescent Health*, 41(1), 3-13.

DeLamater, J. D., & Hyde, J. S. (1998). Essentialism vs. Social Constructionism in the study of human sexuality. *The Journal of Sex Research*, 35(1), 10-18.

Earle, J.R., & Perricone, P. J. (1986). Premarital sexuality: A ten-year study of attitudes and behaviour on a small university campus. *The Journal of Sex Research*, 22(3), 304-310.

Earle, J. R., Perricone, P. J., Davidson, J. K., Moore, N. B., Harris, C. T., & Cotton, S. R. (2007). Premarital sexual attitudes and Behaviour at a religiously-affiliated university: Two decades of change. *Sex Cult*, 11, 39-61.

Eisenman, R., & Dantzker, M. L. (2003). Possible conflict in human sexuality attitudes between males and females at a hispanic-serving university: Factor analysis of sexual attitudes. Consultado em 8 de Setembro de 2008 através de <http://sincronia.cucsh.udg.mx/eisenman203.htm>

Eisenman, R., & Dantzker, M. L. (2006). Gender and ethnic differences in sexual attitudes at a hispanic-serving university. *The Journal of General Psychology*, 133(2), 153-162.

Fischtein, D. S., Herold, E. S., & Desmarais, S. (2007). How much does gender explain in sexual attitudes and behaviours? A survey of Canadian adults. *Archives of Sexual Behaviour*, 36(3), 451-461.

Geer, J. H., & Robertson, G. G. (2005). Implicit attitudes in sexuality: Gender differences. *Archives of Sexual Behaviour*, 34(6), 671-677.

Gentry, M. (1998). The sexual double standard. *Psychology of Women Quarterly*, 22, 505-511.

Gall, A. L., Mullet E., & Shafighi, S. R. (2002). Age, religious beliefs and sexual attitudes. *Journal of Sex Research*, 39(3), 207-216.

Harding, D. J., & Jencks, C. (2003). Changing attitudes toward premarital sex. Cohort, period and aging effects. *Public Opinion Quarterly* 67, 211-226.

Haavio-Mannila, E., & Kontula, O. (2003). Single and double sexual standards in Finland, Estonia and St. Petersburg. *The Journal of Sex Research*, 41(1), 36-49.

Hendrick, C., Hendrick, S., & Slapion-Foote, M. J. (1985). Gender differences in sexual attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48 (6), 1630-1642.

Hendrick, C., Hendrick, S., & Reich, D. A. (2006). The Brief Sexual Attitudes Scale. *The Journal of Sex Research*, 43 (1), 76-86.

Kiefer, A. K., & Sanchez, D.T. (2007). Scripting sexual passivity: A gender role perspective. *Personal Relationships*, 14, 269-290.

Lefkowitz, E. S., Gillen, M., & Shearer, C. L. (2004). Religiosity, sexual behaviours, and sexual attitudes during emerging adulthood. *The Journal of Sex Research*, 41(2), 150-159.

Lenton, A. P., & Bryan, A. (2005). An affair to remember: The role of sexual scripts in perceptions of sexual intent. *Personal Relationships*, 12, 483-498.

Marín, B. V., Tschann, J. M., Gómez, C. A., & Kegeles, S. M. (1993). Acculturation and gender differences in sexual attitudes and behaviours: Hispanic vs Non-Hispanic white unmarried adults. *American Journal of Public Health*, 83 (12), 1759- 1761.

McCabe, M. P. (2005). Boys want sex, girls want commitment: Does this trade-off still exist? *Sexual and Relationship Therapy*, 20 (2), 139-141.

McCabe, M. P. (2007). Sexuality and quality of life among young people. *Journal of Adolescence*, 33 (132), 761-773.

Milhausen, R. R., & Herold, E. S. (1999). Does the sexual double standard still exist? Perceptions of university women. *The Journal of Sex Research*, 36(4), 361-368.

Miller, B. C., & Olson, T. D. (1988). Sexual attitudes and behaviour of high school students in relation to background and contextual factors. *The Journal of Sex Research*, 24, 194-200.

Murray, K. M., Ciarrocin, J. W., & Murray-Swank, N. A. (2007). Spirituality, religiosity, shame and guilt as predictors of sexual attitudes and experiences. *Journal of Psychology and Theology*, 35 (3), 222-234.

Oliver, M. B., & Hyde, J. S. (1993). Gender differences in sexuality: A meta-Analysis. *Psychological Bulletin*, 114 (1), 29-51.

Ostovish, J. M. (2005). Sex drive, sexual attitudes and sexual behaviours. *Dissertation abstracts international: Section B: The Sciences and Engineering*, 66(2-B), 1222.

Papaharitou, S., Nakopoulou, E., Moraitou, M., Tsimtsiou, Z., Konstantinidou, E. & Hatzichristou, D. (2008). Exploring sexual attitudes of students in health professions. *Journal of Sexual Medicine*, 5(6), 1308-1316.

Pedersen, W. C., Miller, L. C., Putcha-Bhagavatula, A. D. & Yijing, Y. (2002). Evolved sex differences in the number of partners desired? The long and the short of it. *Psychological Science*, 13(2), 157- 161.

Ramos, V., Carvalho, C.C., & Leal, I. P. (2005). Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: A hipótese do duplo padrão sexual. *Análise Psicológica*, 2(XXIII), 173-185.

Reiss, I. (1964). The Scaling of premarital sexual permissiveness. *Journal of Marriage and the Family*, 26, 188-198.

Reiss, I. L.(1967). *The social context of premarital sexual permissiveness*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

Reiss, I.L. (2001). *Sexual Attitudes and Behaviour. International Encyclopaedia of the Social & Behavioural Sciences* (pp. 13969-13973). Amsterdam: Elsevier Science Ltd.

Ribeiro, J. P. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia da saúde*. Lisboa: Climepsi Editores.

Sheeran, P., Abrams, D., Abraham, C., & Spears, R. (1993). Religiosity and adolescents' premarital sexual attitudes and behaviour: An empirical study of conceptual issues. *European Journal of Social Psychology*, 23, 39-52.

Simon, W., & Gagnon, J. H. (1984). Sexual Scripts. *Society*, 22(1), 53-60.

Simon, W., & Gagnon, J. H. (2003). Sexual Scripts: Origins, influences and changes. *Qualitative Sociology*, 24(4), 491-497.

Somers, C. L., & Surmann, A. T. (2005). Sources and timing of sex education: relations with American adolescent sexual attitudes and behaviour. *Educational Review*, 57(1), 37- 54.

Taris, T. W.; Semin G. R., & Bok, I. A. (1998) The effect of quality of family interaction and intergenerational transmission of values on sexual permissiveness. *The Journal of Genetic Psychology*, 159(2), 237-250.

The National Campaign to Prevent Teen Pregnancy (2003). The sexual attitudes and behaviour of male teens. *Science Says*, 6, 1-6.

Villarruel, A. M. (1998). Cultural influences on the sexual attitudes, beliefs, and norms of young Latina adolescents. *Journal of the Society of Paediatric Nurses*, 3(2), 69-79.

Wells, B. E., & Twenge, J. M. (2005). Changes in young people's sexual behaviour and attitudes, 1943-1999: A cross-temporal meta-analysis. *Review of General Psychology*, 9 (3), 249-261.

Werner-Wilson, R. J. (1998). Gender differences in adolescent sexual attitudes: The influence of individual and family factors. *Adolescence*, 33(131), 519-531.

Yost, M. R., & Zurbriggen, E. L. (2006). Gender differences in the enactment of sociosexuality: An examination of implicit social motives, sexual fantasies, coercive sexual attitudes, and aggressive sexual behaviour. *The Journal of Sex Research*, 43 (2), 163-173.

ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Tabela de frequências para área de residência

Anexo B – Questionário Sócio-Demográfico

Anexo C – Questionário de Comportamentos Sexuais

Anexo D- Escala de Atitudes Sexuais Reduzida

Anexo E – Termo de Consentimento Informado

Anexo F – Outputs estatísticos para a Idade da Primeira Relação Sexual

Anexo G – Relação entre o género e o número de parceiros ao longo da vida e no último ano

Anexo H – Outputs estatísticos para o envolvimento sexual fora da relação de compromisso.

Anexo I - Relação entre a ocorrência de relações sexuais fora da relação de compromisso e o tempo de duração da relação.

Anexo J – Relação entre o género e a utilização de métodos contraceptivos

Anexo K – Relação entre a utilização do preservativo e os sujeitos que não têm uma relação de compromisso, mas têm parceiros sexuais

Anexo L – Relação entre a experiência do orgasmo e o género

Anexo M – Relação entre a prática da masturbação e o género

Anexo N – Coeficientes de correlação para a comparação de medias entre os sexos nas atitudes sexuais

Anexo O - Relação entre quantidade de parceiros ao longo da vida e permissividade

Anexo P - Relação entre a idade, atitudes sexuais e alguns comportamentos sexuais

Anexo Q - Relação entre a religião, atitudes sexuais e alguns comportamentos sexuais

Anexo R - Relação entre o meio habitacional e atitudes sexuais

Anexo A – Tabela de frequências para área de residência

Área de residência:

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Lisboa	138	68,7	68,7	68,7
Porto	5	2,5	2,5	71,1
Norte	3	1,5	1,5	72,6
Sul	15	7,5	7,5	80,1
Centro	39	19,4	19,4	99,5
Açores	1	,5	,5	100,0
Total	201	100,0	100,0	

Anexo B – Questionário Sócio-Demográfico**2. Questionário Sócio-Demográfico****1. Sexo**

- ☐ Feminino
☐ Masculino

2. Idade:**3. Nacionalidade:**

- ☐ Portuguesa
☐ Outra

4. Estado Civil

- ☐ Solteiro(a)
☐ Casado(a)
☐ Divorciado(a)
☐ Em união de facto
☐ Viuvo(a)

5. Habilitações Literárias Completas

- ☐ Ensino primário
☐ 7º ano de escolaridade
☐ 9º ano de escolaridade
☐ 12º ano de escolaridade
☐ Frequência universitária
☐ Licenciatura
☐ Mestrado
☐ Doutoramento

6. Orientação Sexual

- ☐ Exclusivamente heterossexual

- ☐ Preferencialmente heterossexual
- ☐ Bissexual
- ☐ Exclusivamente homossexual
- ☐ Preferencialmente homossexual

7. Tem alguma relação de compromisso?

- ☐ Sim
- ☐ Não, e não tenho parceiros sexuais
- ☐ Não, mas tenho parceiros sexuais

8. Tempo da relação de compromisso:

- ☐ Não tenho uma relação de compromisso
- ☐ Menos de 6 meses
- ☐ Mais de 6 meses e menos de 2 anos
- ☐ Mais de 2 anos e menos de 5 anos
- ☐ Mais de 5 anos e menos de 10 anos
- ☐ Mais de 10 anos

9. Religião

- ☐ Católico praticante
- ☐ Católico não praticante
- ☐ Outra religião praticante
- ☐ Outra religião não praticante
- ☐ Nenhuma religião

10. Área de residência:

- ☐ Lisboa/ Grande Lisboa
- ☐ Porto/Grande Porto
- ☐ Norte
- ☐ Sul
- ☐ Centro
- ☐ Madeira
- ☐ Açores

11. Como considera o meio onde vive:

- ☐ Meio Rural

☐ Meio Urbano

12. Tem ou teve acompanhamento psicológico ou psiquiátrico nos últimos 2 anos?

☐ Sim

☐ Não

Anexo C – Questionário de Comportamentos Sexuais**3. Comportamentos Sexuais****1. Que idade tinha quando teve pela primeira vez relações sexuais?**

☐ Nunca tive relações sexuais (passe à questão número 7)

☐ Idade

2. Com quantos parceiros teve relações sexuais, durante a sua vida?**3. Com quantos parceiros teve relações sexuais durante o último ano?****4. Durante o período de relacionamento com o seu parceiro(a) actual [ou com o seu último(a) parceiro (a)] teve relações sexuais com outra pessoa?**

☐ Sim

☐ Não

5. Quando tem relações sexuais, costuma utilizar métodos contraceptivos?

☐ Sempre

☐ A maior parte das vezes

☐ Algumas vezes

☐ Poucas vezes

☐ Nunca

6. Que método contraceptivo utiliza?

☐ Não utilizo nenhum método

☐ Método do calendário

☐ Método da temperatura

☐ Coito interrompido (embora não seja um método)

☐ Pílula

☐ Anel Vaginal

☐ Adesivo

☐ Implante

- ☐ DIU
- ☐ Injecção contraceptiva
- ☐ Pilula do dia seguinte (embora não seja um método)
- ☐ Preservativo
- ☐ Preservativo conjugado com outro método
- ☐ Outro (por favor especifique)

7. Já alguma vez, durante toda a sua vida, teve um orgasmo?

- ☐ Não
- ☐ Não sei
- ☐ Sim

8. Qual foi a frequência com que “experimentou” o orgasmo durante o último mês?

- ☐ Nunca experimentei o orgasmo
- ☐ Nenhuma vez
- ☐ Uma ou duas vezes
- ☐ Três a cinco vezes
- ☐ Seis a dez vezes
- ☐ Mais de dez vezes

9. Durante o último mês quantas vezes se masturbou?

- ☐ Nunca me masturbei
- ☐ Nenhuma vez
- ☐ Uma a duas vezes
- ☐ Três a cinco vezes
- ☐ Seis a dez vezes
- ☐ Mais de dez vezes

Anexo D- Escala de Atitudes Sexuais Reduzida

4. Escala de Atitudes Sexuais Reduzida (Hendrick & Hendrick, 2006)

1. Para concluir a ultima parte deste questionário, leia atentamente as afirmações que se seguem e indique, para cada uma delas, qual o grau em que corresponde às suas opiniões, pensamentos ou sentimentos. Escolha a coluna apropriada, atendendo às seguintes significações: Completamente em desacordo; Parcialmente em desacordo; Não sei/nem concordo, nem discordo; Parcialmente de acordo; Completamente de acordo.

	Completamente em desacordo	Parcialmente em desacordo	Não sei/nem concordo, nem discordo	Parcialmente de acordo	Completamente de acordo
O sexo apenas como forma de “descarga” física é bom.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As relações sexuais ocasionais são aceitáveis.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As relações sexuais como simples troca de “serviços” são aceitáveis desde que ambos os parceiros estejam de acordo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O sexo é, principalmente, uma função corporal, tal como comer.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As “aventuras sexuais” de uma só noite são, por vezes, muito agradáveis.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O sexo é a forma mais íntima de comunicação entre duas pessoas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A vida teria menos problemas se as	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

<p>peessoas tivessem relações sexuais de modo mais livre.</p>					
<p>O melhor sexo é o que se faz na ausência de “compromissos”.</p>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<p>O planeamento familiar faz parte de uma sexualidade responsável.</p>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<p>É correcto ter relações sexuais com mais do que uma pessoa no mesmo período de tempo.</p>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<p>As mulheres devem partilhar as responsabilidades do planeamento familiar.</p>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<p>O sexo é uma parte muito importante da vida.</p>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<p>Não é preciso estar comprometido com uma pessoa para ter relações sexuais com ela.</p>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<p>O sexo é em primeiro lugar, obter prazer através do outro.</p>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<p>Um encontro sexual entre duas pessoas apaixonadas é a forma mais sublime de interacção humana.</p>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Na sua melhor expressão, o sexo parece ser a fusão de dois “seres”.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
É possível gostar de ter relações sexuais com uma pessoa não gostando muito dessa pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O sexo é melhor quando nos “deixamos ir” e nos centramos no nosso próprio prazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gostaria de ter relações sexuais com muitos parceiros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A principal finalidade do sexo é dar-mo-nos prazer a nós mesmos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O sexo é, principalmente, uma actividade física.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os homens devem partilhar as responsabilidades do planeamento familiar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O sexo é, geralmente, uma experiência intensa e absorvente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo E – Termo de Consentimento Informado

1. Estudo Sobre Atitudes Sexuais numa Amostra Portuguesa

O presente questionário insere-se no âmbito da Dissertação de Mestrado na área da Psicologia da Sexualidade do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) e tem como objectivo o estudo das Atitudes Sexuais numa amostra portuguesa.

As respostas dadas são anónimas e confidenciais, pelo que pedimos que responda com o máximo de sinceridade e a todas as questões.

Poderá abandonar o estudo, se assim o desejar.

Não existem respostas certas ou erradas.

Deve ter mais de 18 anos para participar.

Caso pretenda entrar em contacto com a autora do estudo escreva para o e-mail: martatagarro@sapo.pt

No final, clique em “Concluído” para que os dados sejam guardados

Obrigado pela colaboração

Anexo F – Outputs estatísticos para a Idade da Primeira Relação Sexual

Homens

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	7 a 12	6	3,0	3,1	3,1
	13 a 16	70	34,8	36,6	39,8
	17 a 20	93	46,3	48,7	88,5
	21 a 24	20	10,0	10,5	99,0
	25 a 28	2	1,0	1,0	100,0
	Total	191	95,0	100,0	
Missing	System	10	5,0		
Total		201	100,0		

Mulheres

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	7 a 12	1	,3	,3	,3
	13 a 16	92	29,8	31,1	31,4
	17 a 20	160	51,8	54,1	85,5
	21 a 24	29	9,4	9,8	95,3
	25 a 28	9	2,9	3,0	98,3
	29 a 45	5	1,6	1,7	100,0
	Total	296	95,8	100,0	
Missing	System	13	4,2		
Total		309	100,0		

Correlação entre a idade da primeira relação sexual e género

Correlations

		Sexo	Idade da primeira relação sexual
Sexo	Pearson Correlation	1	,137(**)
	Sig. (2-tailed)		,003
	N	510	487
Idade 1RS	Pearson Correlation	,137(**)	1
	Sig. (2-tailed)	,003	
	N	487	487

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo G – Relação entre o gênero e o número de parceiros ao longo da vida e no último ano

Correlação entre o gênero e o número de parceiros ao longo da vida

Correlations

		Sexo	Com quantos parceiros teve relações sexuais, durante a sua vida?
Sexo	Pearson Correlation	1	-,263(**)
	Sig. (2-tailed)		,000
	N	510	487
Com quantos parceiros teve relações sexuais, durante a sua vida?	Pearson Correlation	-,263(**)	1
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	487	487

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlação entre o gênero e o número de parceiros no último ano

Correlations

		Sexo	Com quantos parceiros teve relações sexuais durante o último ano?
Sexo	Pearson Correlation	1	-,146(**)
	Sig. (2-tailed)		,001
	N	510	487
Com quantos parceiros teve relações sexuais durante o último ano?	Pearson Correlation	-,146(**)	1
	Sig. (2-tailed)	,001	
	N	487	487

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo H – Outputs estatísticos para o envolvimento sexual fora da relação de compromisso.

Homens

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	41	20,4	21,5	21,5
	Não	150	74,6	78,5	100,0
	Total	191	95,0	100,0	
Missing	System	10	5,0		
Total		201	100,0		

Mulheres

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	37	12,0	12,5	12,5
	Não	259	83,8	87,5	100,0
	Total	296	95,8	100,0	
Missing	System	13	4,2		
Total		309	100,0		

Relação entre o género e a prática de relações sexuais fora da relação de compromisso.

		Durante o período de relacionamento com o seu parceiro(a) actual [ou com o seu último(a) parceiro (a)] teve relações sexuais com outra pessoa?		Total
		sim	Não	sim
Sexo	Masculino	41	150	191
	Feminino	37	259	296
Total		78	409	487

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,119	,008
	Cramer's V	,119	,008
N of Valid Cases		487	

a. Not assuming the null hypothesis.

b. Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Anexo I - Relação entre a ocorrência de relações sexuais fora da relação de compromisso e o tempo de duração da relação.

N	Valid	78
	Missing	0

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não tenho relação de compromisso	31	39,7	39,7	39,7
Menos 6 meses	5	6,4	6,4	46,2
Mais 6 meses e menos de 2 anos	8	10,3	10,3	56,4
Mais de 2 anos e menos de 5 anos	9	11,5	11,5	67,9
Mais de 5 anos e menos de 10 anos	14	17,9	17,9	85,9
Mais de 10 anos	11	14,1	14,1	100,0
Total	78	100,0	100,0	

Anexo J – Relação entre o género e a utilização de métodos contraceptivos.

		Quando tem relações sexuais, costuma utilizar métodos contraceptivos?					Total
		Sempre	A maior parte das vezes	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca	Sempre
Sexo	Masculino	107	46	10	17	11	191
	Feminino	199	56	18	10	13	296
Total		306	102	28	27	24	487

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by	Phi	,149	,029
Nominal	Cramer's V	,149	,029
N of Valid Cases		487	

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Anexo K – Relação entre a utilização do preservativo e os sujeitos que não têm uma relação de compromisso, mas têm parceiros sexuais.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	2	2,5	2,5	2,5
	Pílula	11	13,8	13,9	16,5
	Preservativo	48	60,0	60,8	77,2
	Preservativo conjugado com outro método	18	22,5	22,8	100,0
	Total	79	98,8	100,0	
Missing	System	1	1,3		
Total		80	100,0		

Anexo L – Relação entre a experiência do orgasmo e o gênero

		Qual foi a frequência com que “experimentou” o orgasmo durante o último mês?						Total
		Nunca experimentei o orgasmo	Nenhuma vez	1 ou 2	3 a 5	6 a 10	mais de 10	Nunca experimentei o orgasmo
Sexo	Masculino	6	18	26	34	35	82	201
	Feminino	17	66	60	71	49	46	309
Total		23	84	86	105	84	128	510

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,316	,000
	Cramer's V	,316	,000
N of Valid Cases		510	

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Anexo M – Relação entre a prática da masturbação e o género

		Durante o último mês quantas vezes se masturbou?						Total
		nunca me masturbei	Nenhuma vez	1 ou 2	3 a 5	6 a 10	Mais de 10	nunca me masturbei
Sexo	Masculino	8	36	33	35	38	51	201
	Feminino	38	131	83	38	17	2	309
Total		46	167	116	73	55	53	510

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by	Phi	,508	,000
Nominal	Cramer's V	,508	,000
N of Valid Cases		510	

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Anexo N – Coeficientes de correlação para a comparação de medias entre os sexos nas atitudes sexuais

Mann-Whitney Test

Ranks

	Sexo	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Permissividade	Masculino	201	302,14	60731,00
	Feminino	309	225,16	69574,00
	Total	510		
Instrumentalidade	Masculino	201	263,10	52883,00
	Feminino	309	250,56	77422,00
	Total	510		
Comunhão	Masculino	201	233,57	46948,00
	Feminino	309	269,76	83357,00
	Total	510		
Planeamento	Masculino	201	223,16	44856,00
	Feminino	309	276,53	85449,00
	Total	510		

Test Statistics(a)

	Permissividade	Instrumentalidade	Comunhão	Planeamento
Mann-Whitney U	21679,000	29527,000	26647,000	24555,000
Wilcoxon W	69574,000	77422,000	46948,000	44856,000
Z	-5,769	-,942	-2,732	-4,630
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,346	,006	,000

a Grouping Variable: Sexo

Anexo O - Relação entre Quantidade de parceiros ao longo da vida e permissividade

Correlations

			QTVida	Permissividade
Spearman's rho	QTVida	Correlation Coefficient	1,000	,392(**)
		Sig. (2-tailed)	.	,000
		N	487	487
	Permissividade	Correlation Coefficient	,392(**)	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	.
		N	487	510

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo P - Relação entre a idade, atitudes sexuais e alguns comportamentos sexuais

Relação entre a idade e a *permissividade*

Correlations

		Permissividade	Idade:
Permissividade	Pearson Correlation	1	,056
	Sig. (2-tailed)		,208
	N	510	510
Idade:	Pearson Correlation	,056	1
	Sig. (2-tailed)	,208	
	N	510	510

Relação entre a idade e a *instrumentalidade*

Correlations

		Idade:	Instrumentalidade
Idade:	Pearson Correlation	1	-,008
	Sig. (2-tailed)		,861
	N	510	510
Instrumentalidade	Pearson Correlation	-,008	1
	Sig. (2-tailed)	,861	
	N	510	510

Relação entre a idade e a *comunhão*

Correlations

		Idade:	Comunhão
Idade:	Pearson Correlation	1	,105(*)
	Sig. (2-tailed)		,018
	N	510	510
Comunhão	Pearson Correlation	,105(*)	1
	Sig. (2-tailed)	,018	
	N	510	510

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Relação entre a idade e a *planeamento*

Correlations

		Idade:	Planeamento
Idade:	Pearson Correlation	1	,068
	Sig. (2-tailed)		,123
	N	510	510
Planeamento	Pearson Correlation	,068	1
	Sig. (2-tailed)	,123	
	N	510	510

Relação entre a idade e o número de parceiros ao longo da vida

Correlations

		Idade:	Com quantos parceiros teve relações sexuais, durante a sua vida?
Idade:	Pearson Correlation	1	,374(**)
	Sig. (2-tailed)		,000
	N	510	487
Com quantos parceiros teve relações sexuais, durante a sua vida?	Pearson Correlation	,374(**)	1
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	487	487

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Relação entre a idade e o número de parceiros no último ano

Correlations

		Idade:	Com quantos parceiros teve relações sexuais durante o último ano?
Idade:	Pearson Correlation	1	-,054
	Sig. (2-tailed)		,233
	N	510	487
Com quantos parceiros teve relações sexuais durante o último ano?	Pearson Correlation	-,054	1
	Sig. (2-tailed)	,233	
	N	487	487

Relação entre a idade e a prática da masturbação

Correlations

		Idade:	Durante o último mês quantas vezes se masturbou?
Idade:	Pearson Correlation	1	-,025
	Sig. (2-tailed)		,573
	N	510	510
Durante o último mês quantas vezes se masturbou?	Pearson Correlation	-,025	1
	Sig. (2-tailed)	,573	
	N	510	510

Relação entre a idade e as relações sexuais fora da relação de compromisso

Correlations

		Idade:	Durante o período de relacionamento com o seu parceiro(a) actual [ou com o seu último(a) parceiro (a)] teve relações sexuais com outra pessoa?
Idade:	Pearson Correlation	1	-,199(**)
	Sig. (2-tailed)		,000
	N	510	487
Durante o período de relacionamento com o seu parceiro(a) actual [ou com o seu último(a) parceiro (a)] teve relações sexuais com outra pessoa?	Pearson Correlation	-,199(**)	1
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	487	487

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo Q - Relação Entre a religião, atitudes sexuais e alguns comportamentos sexuais

Relação entre a Religião e a *Permissividade*

Correlations

		Permissividade	Religião
Permissividade	Pearson Correlation	1	,214(**)
	Sig. (2-tailed)		,000
	N	510	510
Religião	Pearson Correlation	,214(**)	1
	Sig. (2-tailed)	,000	
	N	510	510

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Relação entre a Religião e a *Instrumentalidade*

Correlations

		Instrumentalidade	Religião
Instrumentalidade	Pearson Correlation	1	,042
	Sig. (2-tailed)		,344
	N	510	510
Religião	Pearson Correlation	,042	1
	Sig. (2-tailed)	,344	
	N	510	510

Relação entre a Religião e a *Comunhão*

Correlations

		Religião	Comunhão
Religião	Pearson Correlation	1	-,075
	Sig. (2-tailed)		,092
	N	510	510
Comunhão	Pearson Correlation	-,075	1
	Sig. (2-tailed)	,092	
	N	510	510

Relação entre a Religião e a *Planeamento*

Correlations

		Religião	Planeamento
Religião	Pearson Correlation	1	,034
	Sig. (2-tailed)		,446
	N	510	510
Planeamento	Pearson Correlation	,034	1
	Sig. (2-tailed)	,446	
	N	510	510

Relação entre a Religião e a quantidade de parceiros ao longo da vida

Correlations

		Religião	Com quantos parceiros teve relações sexuais, durante a sua vida?
Religião	Pearson Correlation	1	,128(**)
	Sig. (2-tailed)		,005
	N	510	487
Com quantos parceiros teve relações sexuais, durante a sua vida?	Pearson Correlation	,128(**)	1
	Sig. (2-tailed)	,005	
	N	487	487

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Relação entre a Religião e a quantidade de parceiros no último ano

Correlations

		Religião	Com quantos parceiros teve relações sexuais durante o último ano?
Religião	Pearson Correlation	1	,149(**)
	Sig. (2-tailed)		,001
	N	510	487
Com quantos parceiros teve relações sexuais durante o último ano?	Pearson Correlation	,149(**)	1
	Sig. (2-tailed)	,001	
	N	487	487

** Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Relação entre a religião e a prática da masturbação

	Durante o último mês quantas vezes se masturbou?						Total
Religião	nunca me masturbei	Nenhuma vez	1 ou 2	3 a 5	6 a 10	Mais de 10	nunca me masturbei
Católico praticante	4	14	15	6	4	4	47
Católico não praticante	27	99	41	32	25	22	246
Outra religião praticante	0	0	2	3	5	1	11
Outra religião não praticante	3	3	5	5	5	1	22
Nenhuma religião	12	51	53	27	16	25	184
Total	46	167	116	73	55	53	510

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,303	,001
	Cramer's V	,151	,001
N of Valid Cases		510	

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Relação entre a religião e as relações sexuais fora da relação de compromisso

		Durante o período de relacionamento com o seu parceiro(a) actual [ou com o seu último(a) parceiro (a)] teve relações sexuais com outra pessoa?		Total
		sim	Não	sim
Religião	Católico praticante	5	40	45
	Católico não praticante	35	200	235
	Outra religião praticante	1	9	10
	Outra religião não praticante	2	20	22
	Nenhuma religião	35	140	175
Total		78	409	487

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by	Phi	,092	,387
Nominal	Cramer's V	,092	,387
N of Valid Cases		487	

a Not assuming the null hypothesis.

b Using the asymptotic standard error assuming the null hypothesis.

Anexo R - Relação entre o meio habitacional e atitudes sexuais

Relação entre o meio habitacional e a *Comunhão*

Correlations

		Como considera o meio onde vive:	Comunhão
Como considera o meio onde vive:	Pearson Correlation	1	,088(*)
	Sig. (2-tailed)		,046
	N	510	510
Comunhão	Pearson Correlation	,088(*)	1
	Sig. (2-tailed)	,046	
	N	510	510

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Relação entre o meio habitacional e a *Permissividade*

Correlations

		Como considera o meio onde vive:	Permissividade
Como considera o meio onde vive:	Pearson Correlation	1	,096(*)
	Sig. (2-tailed)		,030
	N	510	510
Permissividade	Pearson Correlation	,096(*)	1
	Sig. (2-tailed)	,030	
	N	510	510

* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Relação entre o meio habitacional e a *Instrumentalidade*

Correlations

		Como considera o meio onde vive:	Instrumentalidade
Como considera o meio onde vive:	Pearson Correlation	1	,064
	Sig. (2-tailed)		,151
	N	510	510
Instrumentalidade	Pearson Correlation	,064	1
	Sig. (2-tailed)	,151	
	N	510	510

Relação entre o meio habitacional e a *Planeamento*

Correlations

		Planeamento	Como considera o meio onde vive:
Planeamento	Pearson Correlation	1	,077
	Sig. (2-tailed)		,082
	N	510	510
Como considera o meio onde vive:	Pearson Correlation	,077	1
	Sig. (2-tailed)	,082	
	N	510	510